



Conhecer **JESUS** é Tudo

ALEJANDRO BULLÓN





Conhecer JESUS é Tudo

Eu estava muito distante de Cristo, pensava que Ele não gostava mais de mim, que havia me abandonado. Hoje, vejo que estava enganada e que Ele me ama. Como poderia deixar de amá-Lo também?

Livia de L. Souza, Itabuna, BA

Aprendi de maneira simples assuntos tão complicados para mim antes.

Gisela Dilo, Hortolândia, SP



Conhecer JESUS é Tudo

ALEJANDRO BULLÓN

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.1
2014

Editoração: Marcos De Benedicto e Paulo R. Pinheiro
Projeto Gráfico: Rone Souza
Capa: Alexandre Rocha
Design Developer: Leonardo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bullón, Alejandro
Conhecer Jesus é tudo [livro eletrônico] /
Alejandro Bullón. -- Tatuí, SP : Casa
Publicadora Brasileira, 2014.
1.1 Mb ; ePUB

ISBN 978-85-345-2050-8

1. Fé 2. Graça 3. Jesus Cristo - Conhecimento
4. Jesus Cristo - Ensinamentos 5. Salvação 6. Vida
cristã I. Título.

14-01925

CDD-248.83

Índices para catálogo sistemático:

1. Jovens : Guias de vida cristã : Cristianismo
248.83

Introdução

As muitas cartas que recebo constantemente, dramáticos lamentos de pessoas angustiadas, me animaram a escrever este livrinho. Procuro expressar nele o que me trouxe paz e alegria ao coração.

Cheguei à conclusão de que o cristão, geralmente, não consegue ser feliz porque não entende quem é Jesus, o que Ele fez por nós e como andar com Ele. O cristão sabe tudo o que deve e o que não deve fazer, mas não consegue viver à altura das normas que conhece. Vive angustiado por seus constantes erros. Há uma força interior misteriosa que o impele a fazer tudo aquilo que não quer. Um fracasso segue-se a outro, e então vem aquela voz mortificante: “Você não vale nada, você nunca conseguirá. O que você pretende vivendo a vida hipócrita que vive? É melhor você sair da igreja.”

Final da história: o cristão abandona definitivamente a igreja, porque acha isso mais honesto de sua parte, ou fica nela cheio de frustrações e fracassos, vivendo o insucesso de uma vida sem sentido. Sorrindo para todo o mundo, mas chorando por dentro. O pior de tudo é que, com o tempo, pode se habituar a esse tipo de vida. Pode aceitar isso como normal. A voz de Deus pode ir se apagando lentamente. A pessoa fica perdida para sempre – dentro da igreja!

Este livrinho foi escrito para você, meu querido amigo. Foi escrito mais do que com tinta; foi escrito com amor. Durante anos trabalhei ao lado de pessoas sinceras que desejam andar nos caminhos de Deus. Conversei com elas nos acampamentos, perto da fogueira, debaixo das árvores, na quadra de esportes, na

igreja, no escritório, pela manhã, à tarde, à noite. Anos e anos ouvindo alegrias e tristezas, vitórias e derrotas de jovens e adultos, me levaram a escrever estas páginas.

Minha maior preocupação não é o estilo da redação, é você. Não é a pureza da bela língua de Camões, é ser entendido por você. Apenas isso. Estou escrevendo do jeito que tantas e tantas vezes falei em acampamentos, retiros e cruzadas evangelísticas, pensando em ajudar você, porque seu drama foi o meu durante anos, e conheço perfeitamente o que significa sentir aquela angústia de saber tudo o que a igreja espera de você, e não conseguir satisfazer essa expectativa. Mas, acima de tudo, porque um dia descobri Jesus como meu grande amigo e aprendi que a vida cristã não é apenas viver preocupado com leis e normas. A vida cristã é uma coisa linda. É andar cada dia com Jesus num relacionamento sublime de amor.

Através destas linhas quero, do fundo de meu ser, levar você a conhecer melhor e a segurar a mão dessa pessoa maravilhosa que encherá sua vida de paz e felicidade. Afinal de contas, conhecer Jesus é tudo.



Perdido dentro da igreja

Entrou na sala sem bater e se jogou na cadeira em frente da minha mesa. Suava. Era evidente que estava nervoso.

– Pastor, estou perdido! – disse sem rodeios. Apenas três palavras. Seria desnecessário dizer mais para descrever a tragédia de uma alma em conflito.

Conhecia bem aquele rapaz. Tínhamos trabalhado juntos muitas vezes, montando programações para jovens. Agora, ali, com os olhos lacrimejantes, ele repetia:

– Pode crer, pastor, estou perdido!

Com a voz cortada pela emoção, contou-me seu drama:

– Sou adventista de berço. Todo mundo acha que sou um bom cristão. Meus pais acreditam que sou um filho maravilhoso. Os membros da igreja acham que sou um jovem consagrado. Eles até me nomearam diretor dos jovens. Muitas vezes ouço os pais dizerem a seus filhos: “Gostaria que você fosse como aquele rapaz.” Todos acham que sou um modelo de cristão, mas não é verdade, pastor. Eu sou uma miséria. Acabo de fazer algo horrível, e não é a primeira vez. Fiquei desesperado, angustiado como das outras vezes. Tive vontade até de morrer. Eu não sou o que todos pensam que sou.

Tentei dizer alguma coisa, mas ele cortou: – Eu não quero ser assim, pastor. Eu quero ser um cristão de verdade, mas não consigo. Tenho lutado tantas vezes, tenho me esforçado, mas sempre acabo derrotado.

Doeu-me ver assim aquele jovem.

– O senhor está desapontado comigo, não está? – perguntou depois, com ansiedade.

Desapontado? Eu tinha era um nó na garganta. Procurei esconder minha tristeza, minha dor, porque na realidade o drama não era só daquele jovem. Eu tinha ali muitos jovens de minha igreja e é até possível que aquela tarde você também estivesse assentado naquela cadeira.

“Pastor, estou perdido!” Perdido? Sim, perdido dentro da igreja. É possível estar perdido dentro da igreja? Infelizmente é, sim. Existem os que, como no caso desse jovem, estão perdidos fazendo coisas erradas enquanto ninguém vê, mas existe outra classe de perdidos: aqueles que fazem tudo direito, cumprem aparentemente tudo que a igreja pede; vivem preocupados, muitas vezes, com detalhes de regulamentos e normas, mas estão igualmente perdidos.

Lembro-me do jovem rico. Era um rapaz como qualquer jovem da igreja hoje. Era membro de uma congregação cujos líderes se preocupavam muito com normas, leis e regulamentos. “Não pode fazer isto”, “Não pode fazer aquilo”, “Fazer isto é pecado”, “Fazer aquilo também é pecado”. Aquele jovem cresceu tendo um conceito errado de Deus. Imaginava-O assentado no Seu trono de justiça, ditando regras, com o rosto sério e uma vara na mão, pronto para castigar o desobediente.

Desde pequeno, seus pais e os líderes da igreja exigiram o fiel cumprimento de todas as normas. Eram líderes preocupados com a imagem da igreja.

Atualizando um pouco a história, se uma garota vestisse calça comprida, por exemplo, eles a levariam à comissão; a jovem, como amava sua igreja, deixaria de usar essa roupa e todo mundo na igreja ficaria feliz, mas ninguém estaria preocupado com o que aconteceria lá no fundo do coração da moça. Importava era que ela cumprisse a norma, que ela fosse um bom membro de igreja. E o jovem rico aprendeu desse modo a cumprir todas as normas e leis.

Aparentemente era um jovem bem-comportado, ativo na igreja, participava das programações e cultos, podia ser apontado como exemplo para outros, mas alguma coisa estava errada lá no fundo: não era feliz, tinha a sensação de que estava perdido, apesar de cumprir tudo.

Certo dia anunciaram a chegada de Jesus à sua cidade. A história está registrada no capítulo 10 de Marcos. Os líderes da igreja foram os primeiros a sair ao encontro de Jesus, sempre preocupados com detalhes da lei e das normas: “É lícito ao marido repudiar sua mulher?” “É pecado cortar o cabelo?” “É pecado orar assentado?” “É pecado ter um pátio de recreações ao lado do

templo?” “É pecado ir à praia?” O Senhor Jesus não Se deteve muito tempo a discutir com eles. Dirigiu-Se para onde estava um grupo de crianças, colocou-as no colo, com amor acariciou seus cabelos e beijou aqueles rostinhos inocentes.

O jovem rico ficou emocionado ao ver o quadro. Ele nunca poderia imaginar que Jesus fosse capaz de beijar e fazer carinho. Não era essa a imagem que ele tinha aprendido acerca do Filho de Deus. Pela primeira vez na vida teve vontade de abrir o coração a alguém. Correu quando Jesus já estava saindo da cidade, ajoelhou-se perante Ele e disse: – Bom Mestre, que farei para receber a vida eterna? – Ele estava dizendo na realidade: “Bom Mestre, que farei para ser salvo? Eu sinto que estou perdido. Não tenho certeza da salvação.” Por quê? Acaso não era um bom membro da igreja? Não cumpria com todas as normas? Ah, meu caro, cumprir mandamentos nunca foi sinônimo de salvação! Ser um bom membro de igreja não quer dizer estar salvo. É, de algum modo, possível obedecer a tudo e estar completamente perdido. Perdido, dentro da igreja!

O Senhor Jesus tentou levar o jovem do conhecido ao desconhecido. O jovem conhecia a letra da lei, as normas, os regulamentos, e Jesus lhe disse: – Guarda os mandamentos. – Este foi um tratamento de choque. – Senhor – disse o jovem confuso –, tudo isso tenho observado desde criança, mas a angústia não desaparece, o desespero aumenta, a sensação de estar perdido é cada vez maior.

Jesus olhou para ele com ternura e o amou. Sabe, Jesus também ama você. Não importa se você é pobre ou rico, se é preto ou branco, se é feio ou bonito. Ele o ama. Ele o compreende. Isso é o que diz a Bíblia. Você é a coisa mais importante para Deus, no momento. Você, com suas lutas, com seus fracassos, com seus conflitos, com suas dúvidas e incertezas; você, com suas deformações de caráter, com seu temperamento irascível, é objeto de todo Seu amor e carinho. Pode ser que em algum momento de sua vida você sinta que ninguém gosta de você, que seus pais não o compreendem, que seus professores não apreciam seu valor, que a vida lhe negou as oportunidades que deu a outros, que o mundo inteiro não o aceita. Pode até ser que você não goste de você mesmo, nem se aceite. Tudo isso pode, de algum modo, ser verdade, mas Deus gosta de você. Ele o compreende. Neste momento, enquanto você lê estas linhas, Ele está bem perto de você, pronto a ajudá-lo, a socorrê-lo, a valorizá-lo.

Lá na Judeia, além do Jordão, séculos atrás, Cristo olhou com amor para o jovem rico. Viu seus conflitos internos, suas lutas, suas angústias. Viu sua desesperada situação: perdido dentro da igreja, perdido cumprindo todos os mandamentos, perdido obedecendo a todas as normas.

– Sabe qual é seu problema, filho? – disse Jesus. – Apenas um: você não Me ama. Em seu coração não há lugar para Mim, em seu coração só há lugar para o dinheiro. Você está disposto a guardar mandamentos, mas você não Me ama, e, enquanto não Me amar, Eu não aceito nada de você. Não adianta guardar mandamentos, cumprir normas, obedecer a regulamentos; se você não Me ama, nada disso tem sentido e você continuará com essa horrível sensação, com esse vazio na alma. Vamos fazer uma coisa, Meu querido filho: você agora vai para casa, tira do coração o amor às coisas deste mundo, coloca-Me como o centro de sua vida, então venha e siga-Me.

A Bíblia diz que o jovem, “contrariado com esta palavra, retirou-se triste”. Que desgraça! Estava mais pronto a guardar mandamentos do que amar o Senhor Jesus. Por quê? Talvez porque é mais fácil aparentar que se é bom do que entregar o coração a Deus.

É possível que você esteja pensando: “Felizmente eu não tenho riquezas.” Pode ser. Mas, às vezes, não precisamos ter riquezas para destronar Jesus do coração. Seria possível eu amar mais um artista de televisão do que Jesus? Um esporte, uma namorada, uma profissão, os estudos, coisas até boas, poderiam ocupar o lugar de Cristo no meu coração? Poderia ser que eu amasse mais a minha igreja, a doutrina de minha igreja, o nome da minha igreja, do que o Senhor Jesus?

Pergunto a você: “Qual deveria ser a nossa primeira preocupação: amar a Jesus ou guardar normas?” Às vezes, estamos mais preocupados que os jovens obedeçam às normas e não que amem a Jesus. O interesse de Jesus é diferente. “Dá-Me, filho Meu, o teu coração”, diz Ele enquanto bate à porta do coração humano.

Há algo que nunca deveríamos esquecer: é possível de alguma maneira cumprir normas sem amar Jesus, mas é impossível amar Jesus e deixar de cumprir as normas. Então, qual deveria ser o nosso primeiro interesse, o nosso grande objetivo? Se o ser humano amar a Jesus com todo seu coração, será incapaz de fazer algo que magoe o seu redentor. Sua vida, em consequência, será uma vida de obediência.

Sabe qual é o nosso grande drama na vida espiritual? Sabe por que não somos felizes na igreja? Falta amor por Cristo. Estamos na igreja porque gostamos dela, a sua doutrina nos convenceu, o pastor fez um apelo irrecusável. Estamos na igreja porque nossos pais querem, ou então para agradar aos filhos ou à esposa, ou simplesmente porque todo ser humano tem que ter uma religião, mas não

porque amamos a Jesus a ponto de dizer: “Eu não posso viver sem Ti.”

– Pastor – disse-me uma velhinha certo dia –, tenho quase 60 anos de casada. Pode perguntar a meu marido e ele dirá que sempre fui uma esposa perfeita. Fiz tudo o que uma boa esposa deve fazer, agi sempre do modo certo, mas nunca fui feliz.

– Por quê?

– Eu não amo meu marido, pastor.

– Mas, então, por que se casou?

A velhinha se emocionou ao dizer:

– Nos meus tempos de mocinha, a gente não escolhia marido. Eram os pais que escolhiam marido para a gente. Um dia meu pai disse: “Filha, daqui a dois meses, você vai casar com o filho do meu compadre.” O enxoval foi preparado. A festa ficou pronta e, faltando dois dias para o casamento, conheci meu noivo. Não gostei. Nunca consegui gostar, mas casei, porque tinha que obedecer. Fui uma esposa perfeita, mas nunca fui feliz.

Como ser feliz ao lado de alguém que não se ama? O batismo é uma espécie de casamento com Cristo. Muitos cristãos talvez pudessem dizer: “Senhor, estou na igreja, batizado há cinco, ou dez ou quinze anos. Nesse tempo todo, de alguma maneira, cumpri o que a igreja pede. Mas nunca fui feliz.” Por quê? Porque não é possível ser feliz ao lado de alguém que não se ama. Conviver com alguém que se ama já é uma tarefa difícil, imagine quando não há amor! Nunca poderemos ser felizes estando na igreja porque nascemos nela, ou através de pressão social, religiosa ou familiar. Todos os motivos só têm algum sentido quando o grande motivo é o amor por Cristo. Se não for assim, a vida cristã se tornará um “inferno”, um fardo horrível para se carregar. Fazer as coisas só porque estamos batizados, só porque temos que cumprir as normas de uma igreja que assumimos, ou só para agradar aos homens, é a pior coisa que pode acontecer. Sempre estaremos pensando em sair, abandonar tudo, ou então, quando ninguém vê, estaremos fazendo as coisas erradas.

Todas as normas da igreja, todas as coisas que tenhamos que abandonar, todos os ensinamentos que tenhamos que aprender terão algum significado unicamente quando o amor de Cristo constranger nosso ser. A nossa primeira oração não devia ser: “Senhor, ajuda-me a guardar Teus mandamentos”, mas: “Senhor, ajuda-me a Te amar com todo meu ser.”

O jovem rico partiu triste e não voltou mais. Estava pronto a ser um bom membro de igreja, mas não a entregar o coração ao Mestre.

2

Eu estava perdido

Devia ser três ou quatro da tarde, mas no interior da floresta dava a impressão de que estava anoitecendo. Nuvens negras cobriram de repente o céu e o “grito” dos trovões deixou-se ouvir na imensidão da selva amazônica, como se fosse o alarido de gigantes assustados. De vez em quando, os relâmpagos, semelhantes a flechas acesas, feriam a escuridão. Tive medo. Aliás, estava amedrontado desde que percebera que tinha perdido a trilha.

Corria o ano de 1972. Eu era missionário entre os índios da tribo campá, que moram às margens do rio Perené, na Amazônia de meu país. Naquela manhã de sexta-feira, saí de casa com o objetivo de visitar uma aldeia localizada a duas horas de caminho através da floresta. Não soube precisar em que momento perdi a trilha. Esforcei-me para achá-la, mas toda tentativa acabara me desorientando mais. Os minutos e as horas foram passando e então as nuvens escuras apareceram anunciando a tormenta.

A chuva chegou junto com a noite, implacável. Assentei-me no chão, debaixo de uma árvore e vi passar o tempo, rogando a Deus que me ajudasse a sair daquela situação difícil. Não sei quanto tempo fiquei desse jeito, mas, quando notei que a chuva tinha diminuído, reiniciei a caminhada em meio à escuridão e o barro. Estava completamente molhado, cansado, faminto e, a essa altura, quase desesperado. “Você não pode parar, vai ter que continuar”, repetia. “Você vai conseguir. Daqui a pouco, você achará a aldeia, não pode é ficar aqui parado.”

Mas algo me dizia que tudo era inútil, que o melhor seria ficar ali e esperar a

luz do novo dia. Ficar ali? Molhado como estava? Sozinho? E se alguma fera aparecesse? Era a primeira vez que me acontecia uma coisa assim. Eu não conhecia a selva. Tinha chegado da capital havia poucos meses. Senti que o medo estava tomando conta de mim e corri. Corri como um louco, como se alguém estivesse me perseguindo. A chuva molhava meu rosto, dificultando a visão, se é que se podia enxergar alguma coisa naquela escuridão. Foi aí que escorreguei e caí floresta abaixo, cinco ou seis metros talvez. Estava cheio de lama. Não existia mais trilha. Só a escuridão e a música infernal que a chuva produzia ao entrar em contato com as folhas e o chão.

Eu não queria aceitar, mas estava perdido, completamente perdido. Tentei sair do buraco em que me achava. Segurei-me numa planta, mas esta desprendeceu-se e tornei a cair na lama. Agarrei-me a um pequeno galho. Uma dor violenta obrigou-me a soltá-lo e acabei novamente na lama, com a mão cheia de espinhos. Tudo o que eu fazia era inútil. Meus pés escorregavam na terra molhada e eu acabava sempre lá embaixo, no buraco e na lama. Fiquei algum tempo meditando em silêncio. De repente, tive vontade de chorar. E chorei. Medo? Acho que já não sentia mais medo. Temor de alguma fera? Cansaço? Fome? Teria gostado que fosse por algum motivo semelhante, mas não era, não.

Olhando para trás, vi que minha vida na igreja tinha sido como aquela noite. A vida toda tentando sair do buraco, a vida toda tentando viver à altura dos elevados princípios de minha Igreja, cumprir os mandamentos e regulamentos, e acabando sempre na mesma situação. Eu estava perdido em meio à igreja, com todas as suas doutrinas na cabeça, cumprindo, de certo modo, todas as suas normas, mas estava perdido. E o pior de tudo: havia dois anos que eu era um pastor.

Como num filme, minha vida toda começou a desfilar ante meus olhos. Minha mãe havia conhecido o evangelho quando eu tinha apenas quatro anos de idade. Praticamente nasci na igreja. Não lembro um dia que ela tivesse deixado de assistir aos cultos. Sábados, domingos e quartas, ela estava sempre ali com todos os filhos. No pequeno local onde se congregava o grupinho de oito pessoas, havia um lugar especial em cima do púlpito para os Dez Mandamentos num quadro dourado. Era dever de todos saber de cor os mandamentos e guardá-los fielmente. Desde pequeno aprendi as normas da igreja. Não pode fumar, não pode beber, não pode dançar, não pode ir ao cinema, não pode ir ao campo de futebol, não pode...

“Ó Deus”, perguntava-me muitas vezes, “como é possível viver assim?” Em

meu coração de adolescente, sentia um estranho conflito. Sabia tudo que devia e não devia fazer, mas não conseguia viver à altura dessas normas, e isso me tornava infeliz. Lembro que um dia um time profissional de futebol visitou a cidade onde eu morava. Meu irmão mais velho e eu saímos do encontro de jovens e assistimos ao segundo tempo do jogo. Chorei naquele dia. Senti-me miserável. Achei que Deus teria que me destruir. Pensei que tinha perdido para sempre o direito de ir para o Céu.

Aos 13 anos batizei-me, e meu conflito aumentou. “Agora”, dizia para mim, “você é um membro batizado, você não pode cometer mais tolices.” Mas alguma coisa estava sempre errada na minha vida, e eu não sabia precisar o quê. Cada vez mais orava e parecia que Deus estava muito longe. Parecia que Ele nunca iria me ouvir. Estudava a Bíblia por dever. Aos 15 anos, terminei de ler *Mensagens aos Jovens* e me senti mais pecador do que nunca. “Eu nunca irei para o Céu”, pensava. “É impossível alcançar um tipo de vida assim.” Só Deus sabe quantas vezes me deitei na cama, sozinho, e ruminei meu desespero. Atormentavame a ideia de um Deus sempre zangado, sempre pronto a me castigar, esperando sempre de mim o cumprimento de todas as Suas normas.

Quando concluí o segundo grau, passei a estudar Teologia, e meu conflito adquiriu dimensões maiores. “Você é um futuro pastor, você não pode errar mais, você tem que cumprir tudo, tudo.” Muitas vezes me assaltou o pensamento de abandonar não só o curso, mas a igreja e o lar paterno. Hoje dou graças a Deus porque, de alguma maneira, Ele não me deixou fazê-lo.

Formei-me aos 21 anos. Era o grande sonho de minha mãe e o meu também. Mas, em vez de ser feliz, sentia-me mais angustiado. “Deus! O que acontece comigo?” pensava. “Por que esta sensação de que sempre estou errado, de que nada está certo?” A resposta não vinha, mas o conflito aumentava. “Agora você é um pastor”, repetia para mim. “Você tem que ser um exemplo para a igreja. Se alguém tem que cumprir todas as normas ao pé da letra, é você.”

Como foram tristes os primeiros anos de meu ministério! Não que eu fosse um grande pecador. Meus pecados poderiam ser chamados de “suportáveis”. Eram “pequenos erros”. Mas eu sabia que para Deus não havia classificação de pecados, e isso me angustiaava. O pior de tudo era que eu conhecia a doutrina de Cristo. Sabia de cor todas as doutrinas da igreja. Os mandamentos de cor, centenas de versos de cor. Pregava de Jesus e voltava para casa triste. Sempre com aquela sensação de que alguma coisa estava errada. Deitava e levantava cada dia com as normas e os princípios na cabeça. Andava sempre pensando no

que devia ou não fazer. A angústia não desaparecia. Deus foi muito bom comigo porque, apesar de tudo, me ajudou a trazer muitas pessoas para Sua igreja nesses dois primeiros anos de ministério.

Aquela noite, lá no interior da mata, molhado e cheio de lama, entendi, pela primeira vez, o que acontecia comigo. Eu estava perdido em meio duma amazônia de doutrinas, normas, leis e teologia. Perdido no meio da igreja!

Olhei para um lado e para o outro. Onde estava o Jesus do qual pregava? Estava lá, distante, atrás das nuvens. Na minha cabeça só havia teoria, normas e doutrinas. Chorei, chorei como uma criança, porque me sentia sozinho. Eu conhecia um nome, não uma pessoa; eu amava uma igreja, não o maravilhoso Senhor dessa igreja; eu tinha comigo normas e regulamentos, mas não tinha a Jesus. E naquela hora não precisava de normas, não precisava de doutrinas, nem de uma igreja; precisava de uma pessoa. Chorei aquela noite a tragédia de ter vivido sempre só, tentando sair do buraco e achar a trilha certa, mas acabando sempre na mesma situação, na lama e na desgraça.

A chuva estava passando. “Um milagre”, disse em meu coração. “Preciso de um milagre. Só um milagre poderá tirar-me daqui.” E comecei a gritar com todas as forças de meu ser. Na selva, quando alguém está perdido tem que gritar. Se alguém ouvir seu grito, gritará por sua vez e assim ambos poderão se ajudar.

De repente, pareceu-me ouvir uma voz distante. Gritei. Minha voz perdeu-se na imensidão da floresta e o vento me trouxe a resposta. Alguém estava gritando ao longe. Alguém estava lá. Continuei gritando e o grito foi se aproximando. Cada vez mais e mais. Pude perceber os passos e depois ver a silhueta de alguém. Ao chegar perto de mim, vi seu rosto. Era um índio. Estendeu-me o braço, segurou a minha mão e me puxou. Era uma mão forte, cheia de calos. Puxou-me com firmeza até chegar lá em cima. – Quem é você? – perguntei. Não respondeu. – Como você se chama? – Silêncio. – De onde você veio? – A mesma resposta. Segurou-me o braço e começou a caminhar. Seus passos eram firmes. Em momento nenhum respondeu minhas perguntas.

Andamos em silêncio algum tempo até chegarmos a certo ponto. Lá embaixo havia luz. Era o lugar que eu estava procurando. Estava a salvo. Deixei o índio e corri floresta abaixo, mas escorreguei e caí. Novamente ele me estendeu o braço, levantou-me e segurou-me até chegarmos à choupana de onde saía a luz.

O irmão João apareceu com uma tocha acesa.

– Pastor – exclamou –, o senhor veio a esta hora!

– Perdi a trilha – respondi, tirando a roupa molhada. Deitei-me perto do fogo e

adormeci.

Notei três coisas ao acordar na manhã de sábado: minha roupa estava seca, perto do fogo; minha mochila estava um pouco mais além; e havia mandioca para comer e chapo, uma bebida de plátano cozido, para beber. Minutos depois chegou o irmão João.

– Como foi que achou a trilha? – perguntou.

– Foi o índio – respondi.

– Qual índio?

– Aquele que estava comigo ontem quando cheguei.

Intrigado, João olhou para mim e disse:

– Não tinha nenhum índio com o senhor.

Eu não disse nada. Dei meia-volta e desci até uma pequena cachoeira para me lavar. Ajoelhei-me, ouvindo a música da água ao cair e o canto dos pássaros, e disse em meu coração: “Senhor Jesus, agora sei que não és uma doutrina, és uma pessoa maravilhosa. Como fui capaz de andar sozinho a vida toda? Ó Senhor, agora entendo por que não era feliz. Estava faltando Tua pessoa. Quero Te amar, Senhor. Quero segurar sempre Teu braço poderoso. Sei que sem Ti estou perdido. Quero daqui para frente estar preocupado só em segurar Tua mão de amigo, quero sentir-Te a meu lado. Saber que não estás lá nos Céus, mas aqui, comigo. Hoje entendo o que estava faltando. Estava faltando Tu, Jesus querido.”

Desde aquele dia comecei a encarar a vida cristã não como uma pesada carga de normas, proibições e regulamentos, mas como a maravilhosa experiência de caminhar lado a lado com Jesus. As doutrinas começaram a ter vida para mim. Tudo o que antes era opaco e sem cor começou a adquirir brilho. O maravilhoso brilho da felicidade. Nunca quis saber se aquele índio foi um índio verdadeiro ou foi um anjo. Não era isso que importava. Naquela noite aprendi a grande lição de minha vida: sozinho estaria sempre perdido, sempre angustiado, sempre infeliz; precisava da ajuda de um amigo poderoso. Achei esse amigo em Jesus e, por isso, serei eternamente grato a Ti, ó Deus.

Teria você coragem de não amá-lo?

-Pai, por que devo amar a Jesus? – perguntou certo dia um dos meus filhos.

Tentando achar uma resposta que satisfizesse a curiosidade do garoto, olhei bem nos olhos dele e indaguei:

– Você gosta do papai?

– Claro que sim – respondeu.

– Mas você já pensou por que é que gosta do pai?

Seus olhinhos se movimentaram de um lado para o outro com uma rapidez extraordinária, e, com um sorriso iluminando-lhe o rosto, disse: – Porque você gosta de mim.

Você entendeu, meu amigo? O amor tem o estranho poder de cativar. O amor gera amor. Ninguém resiste ao magnetismo do amor, e uma das grandes verdades bíblicas é que Cristo nos amou de tal modo que o mínimo que podemos fazer é amá-Lo também. Mas por que é que o ser humano não consegue amar a Deus? Sabe o que acontece? Às vezes é porque não entendemos o que Ele fez por nós. Falamos constantemente que Ele morreu na cruz para nos salvar, mas temo que não entendamos plenamente o que isso significa. Temos ouvido tantas vezes essa frase desde quando éramos crianças que é possível que tenhamos nos familiarizado com ela ao ponto de perdermos seu verdadeiro significado.

Anos atrás, no colégio onde estudei, fui testemunha de uma bonita história de amor. Um dos rapazes mais feios do seminário casou-se com uma das moças mais lindas. Ela era uma das moças que chegaram aquele ano. Os rapazes mais

charmosos, mais bonitos, espertos e comunicativos desfilaram um a um tentando conquistá-la, sem sucesso.

Um dia, um colega me procurou e disse:

– Estou com problemas.

– O que foi?

– Estou amando.

– Parabéns! Isso é fabuloso, não é um problema.

– Espere um minuto – disse ele. – Estou falando daquela garota.

Cortei o sorriso e murmurei:

– Bom, aí sim é que é um problema. Você sabe, os rapazes mais charmosos e bonitos do colégio nada conseguiram. Você acha que ela vai olhar para você?

– Eu sei – disse o rapaz, triste –, eu sei disso, mas o que posso fazer se eu a amo?

Os meses foram passando e o amor foi crescendo em silêncio no coração do rapaz.

Na metade do ano, de repente, correram boatos de que ela abandonaria o colégio porque não conseguia pagar as mensalidades.

O nosso amigo se apresentou ao gerente do colégio e se ofereceu para pagar as contas da moça com os recursos que ele tinha adquirido vendendo livros. Naturalmente, isso significava para ele a perda de um ano de estudos.

O gerente tentou dissuadi-lo da ideia. Mas não conseguiu. “O dinheiro é meu e eu quero pagar as contas dela. E, por favor, não gostaria que ela ficasse sabendo quem pagou.”

Assim, ele abandonou o colégio naquele ano para vender mais livros e continuar estudando no ano seguinte.

Alguns meses depois, recebi dele uma carta comovente. “Você diz que não vale a pena o sacrifício que estou fazendo, que ela nunca olhará para mim; o que você não sabe é que eu a amo e não posso permitir que ela perca um ano de estudos. Eu a amo. Não importa se ela nunca olhará para mim. Eu sou feliz fazendo isso por ela.”

No ano seguinte, ele retornou ao colégio. Seu amor estava mais maduro. Tinha certeza do que sentia e um dia criou coragem e falou com ela. Abriu o coração e declarou seus sentimentos.

Foi um momento muito triste. Ela não só recusou a proposta, como o tratou mal. Alguém procurou então a moça e disse para ela: “Olha, você tem o direito de dizer não, mas podia ter sido mais delicada com ele. Não precisava magoá-lo.

É verdade que ele é um garoto simples, quase insignificante, sem qualquer atributo físico, inexpressivo, mas ele ama você de tal modo que o ano passado perdeu o ano de estudo para você não abandonar o colégio, e tudo isso sem querer que você soubesse, sem esperar nada, apenas porque a ama.”

A moça ficou chocada. Chorou. Perguntou ao gerente se era verdade e, ao confirmar tudo, sentiu-se ferida e humilhada.

Meses depois, o rapaz anunciou: “Estou namorando-a!”

Todo mundo começou a pensar: “É por pena, por compaixão.” Mas um dia ela disse uma coisa muito bonita. “Quando descobri o que ele tinha feito por mim, senti-me magoada, chateada, ofendida. Mas, à medida que o tempo passou, comecei a pensar com mais calma e perguntei a mim mesma: ‘Será que neste mundo poderei achar um rapaz que me ame tanto a ponto de sacrificar, em silêncio, um ano de seus estudos sem esperar nada, mesmo sem querer que eu soubesse do sacrifício que ele estava fazendo?’ Aí cheguei a uma conclusão: ‘Como teria coragem de não amar alguém que me ama tanto?’”

Essa frase merece ser emoldurada em ouro: “Como teria coragem de não amar alguém que me ama tanto?”

No dia que nós compreendermos o que realmente aconteceu naquela tarde na cruz do Calvário, sem dúvida, também faremos a mesma pergunta. Mas o que foi que aconteceu lá?

Voltemos nossos olhos ao Jardim do Éden. Ao criar Deus o ser humano, deu-lhe uma ordem: “De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gênesis 2:16, 17). Nessa ordem estava envolvido o princípio de retribuição. Em outras palavras, a obediência merece vida e a desobediência merece morte. O homem pecou. Todos nós pecamos e, em consequência, a nossa recompensa devia ser a morte. Tínhamos que morrer. “O salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23). Mas acontece que o ser humano não quer morrer. Ele pede perdão. “Pai, perdoame”, ele clama. Sabe o que ele está querendo dizer? “Pai, eu pequei, mereço morrer, mas, por favor, não quero morrer.” Essa súplica do homem cria um conflito para Deus, porque Ele é Deus e Sua palavra não muda. Se o homem pecou, tem que morrer; mas Ele ama o ser humano, não pode permitir que o homem morra. O que fazer? Se existiu pecado, tem que existir morte; “sem derramamento de sangue não há remissão” (Hebreus 9:22).

O homem não quer morrer, mas alguém tem que morrer. Alguém tem que

pagar o preço do pecado no lugar do ser humano. É aí que aparece a figura majestosa do Filho. Ele diz: “Pai, o homem merece a morte porque pecou, mas, antes de cumprir a sentença, quero ir à Terra como homem e viver como ele; quero assumir sua natureza, experimentar seus conflitos, suas tristezas, suas alegrias e tentações.” Foi por isso que Cristo veio a este mundo como uma criança.

Ele não apenas parecia homem. Ele era um homem de verdade. Como você e como eu. Teve as mesmas lutas que você tem, sentiu-Se às vezes sozinho e incompreendido como você. Experimentou suas tentações, e é por isso, e não simplesmente porque é Deus, que Ele está mais pronto a amá-lo e compreendê-lo do que a julgá-lo e condená-lo.

O Senhor Jesus viveu neste mundo por 33 anos. A Bíblia diz que foi tentado em tudo, mas não pecou (Hebreus 4:15). Ora, se Ele viveu neste mundo como homem, e como homem foi tentado e não pecou, pelo princípio de retribuição Ele merece a vida.

Agora vamos imaginar um diálogo entre Cristo e seu Pai. “Pai”, disse Cristo, depois de ter vivido neste mundo. “Eu vivi na Terra como um ser humano, e fui tentado em tudo, mas não pequei. Como ser humano, ganhei o direito à vida. O homem, pelo contrário, pecou, e merece a morte. Agora, Pai, o princípio de retribuição não impede que haja uma troca. Sendo assim, a morte que o homem merece, quero morrê-la Eu, e a vida que Eu mereço porque não pequei, quero oferecê-la ao homem.”

Foi isso o que aconteceu lá na cruz do Calvário. Uma troca de amor. Alguém morreu em nosso lugar. Alguém morreu para nos salvar.

Uns dias antes da morte de Cristo, a polícia de Jerusalém prendeu um marginal chamado Barrabás. O delinquente foi julgado e condenado à morte. Devia ser cravado numa cruz. Essa era uma morte cruel. Ninguém morre por causa de feridas nas mãos e nos pés. A morte de cruz é lenta e cruel. O sangue vai se acabando gota a gota. Às vezes, o marginal ficava cravado vários dias. O sol de dia, o frio à noite, a fome, a sede e a perda paulatina de sangue iam acabando pouco a pouco com sua vida.

Depois do julgamento e da condenação, as autoridades chamaram um carpinteiro para preparar a cruz de Barrabás. Ali estava o delinquente e ali estava sua cruz. Preparada especialmente para ele, com suas medidas e com seu nome. Mas naquele dia os judeus prenderam Jesus. Ele também foi julgado e condenado. A história conta que um homem chamado Pilatos, tentando defendê-

Lo, apresentou perante o povo Cristo e Barrabás, e disse:

– Em datas como esta, temos o costume de soltar um prisioneiro. A quem vocês querem que eu solte desta vez: Cristo ou Barrabás?

E o povo, enlouquecido, gritou:

– Solta Barrabás! Crucifica a Cristo!

Acho que, se alguém entendeu alguma vez na plenitude do sentido a expressão “Cristo morreu em meu lugar”, foi Barrabás. Ele não podia acreditar. Talvez beliscasse sua pele para saber se realmente estava acordado. Ele, o marginal, o homem mau, estava livre. E aquele Jesus, manso e simples, que só viveu semeando amor, devolvendo saúde aos doentes e vida aos mortos, estava ali para morrer em seu lugar. Eu imagino que Barrabás pensou: “Eu nunca terei palavras para agradecer a Cristo por ter aparecido. Se Ele não tivesse vindo, eu estaria condenado irremediavelmente.”

Já não havia mais tempo para chamar o carpinteiro e preparar uma cruz para Cristo. Além do mais, ali havia uma cruz vaga, com as medidas de outro, com o nome de outro, preparada para outro. E aquela tarde, meu jovem, quando Cristo ascendeu ao monte do Calvário carregando uma pesada cruz – eu gostaria que você entendesse bem isto –, aquela tarde triste, Jesus estava carregando uma cruz alheia, porque para Ele nunca ninguém preparou uma cruz. Sabe por quê? Simplesmente porque Ele não merecia uma cruz. Aquela tarde, Cristo estava carregando minha cruz. Era eu que merecia morrer, mas Ele me amou tanto que decidiu morrer em meu lugar e me oferecer o direito à vida, que como homem Ele tinha conquistado.

Finalmente, os homens chegaram ao topo da montanha. Deitaram a cruz no chão e com enormes pregos atravessaram Suas mãos e os pés. A cruz foi levantada e, com o peso do corpo, a carne se rasgou. Um soldado tinha Lhe colocado na fronte uma coroa de espinhos. O sangue escorria lentamente pelo rosto. O outro soldado Lhe feriu o lado com uma lança. Ali estava o Deus-homem morrendo por amor. O Sol ocultou seu rosto para não ver a miséria dos homens. O céu chorou numa torrente de chuva. Até as aves dos céus e as bestas dos campos corriam de um lado para outro perscrutando em sua irracionalidade que alguma coisa estranha estava acontecendo. Só o homem, a mais bela e inteligente das criaturas, parecia ignorar que naquele instante seu destino eterno estava em jogo.

Horas depois, quando os judeus voltaram para casa, lá naquela montanha solitária, em meio a dois ladrões, pendia agonizante o maravilhoso Jesus,

entregando Sua vida pela humanidade.

Alguma vez você se deteve a pensar no significado daquele ato de amor?

Não foi um louco suicida que morreu na cruz. Não foi um revolucionário social que pagou por sua ousadia. Era um Deus feito homem. E, como homem, tinha medo de morrer. Possuía o instinto de conservação. Ele tinha tanto medo de morrer que, na noite anterior, no Getsêmani, disse a Seu Pai:

– Pai, eu tenho medo de morrer. Se tivesses outro meio de salvar o mundo, se passasses esta provação de Mim, Eu ficaria muito grato.

E eu tenho certeza que Deus disse:

– Ainda está em tempo de voltar atrás, Meu Filho.

A vida toda da humanidade estava em Suas mãos. Ele tinha medo de morrer, mas Seu amor era maior do que o medo, maior do que a vida. Como abandonar o homem no mundo de desespero e de morte? É isso que talvez eu nunca consiga entender. Por que Ele me amou tanto? Você entende o significado de sua vida? Você é a coisa mais importante que Cristo tem. Ele o ama de tal maneira que, mesmo tendo medo da morte, aceitou-a para vê-lo feliz. Não apenas para vê-lo tornar-se membro de uma igreja, mas para vê-lo realizado e feliz.

Voltemos agora ao raciocínio inicial. O homem pecou e merece morrer. Mas ele vai a Deus e diz:

– Pai, perdoa-me!

Em outras palavras:

– Eu não quero morrer!

– Filho, Eu não posso mudar o princípio. O salário do pecado é a morte. Não tem outra saída – diz Deus.

– Pai, perdoa-me, por favor, perdoa-me! – clama o homem em seu desespero.

O pastor H. M. S. Richards conta uma pequena história de quando era garoto. Diz ele que gostava de pular a cerca e colher as maçãs do vizinho. Um dia a mãe o chamou e, mostrando-lhe uma vara verde, disse:

– Você está vendo esta vara?

– Sim, mãe.

– Se você colher mais uma maçã do vizinho, vou castigá-lo cinco vezes com esta vara, entendeu?

– Sim, mãe.

Os dias passaram. As maçãs estavam cada dia mais vermelhas e o menino não conseguiu resistir à tentação. Pulou a cerca e comeu maçãs até ficar farto. O que ele não podia esperar era que, ao voltar para casa, a mãe o estivesse esperando

com a vara verde na mão. Tremeu. Sabia o que iria acontecer. Quase sem pensar, ele suplicou:

- Mãe, me perdoe!
- Não, filho – disse a mãe. – Eu falei uma coisa e terei que cumpri-la.
- Mãe, por favor, eu prometo que nunca mais tornarei a fazer isso!
- Não posso, filho. Você terá que receber o castigo.
- Por favor, mãe, por favor! – continuou suplicando com os olhos

lacrimejantes.

Que mãe pode ficar insensível vendo o filho amado suplicando perdão?

Ela tomou entre as suas as mãos do filho e perguntou:

- Você não quer receber o castigo?
- Não, mãe.
- Então, só existe uma saída meu filho.
- Qual é?

A mãe estendeu a vara para ele e disse: “Segure a vara, meu filho. Em lugar de eu castigar você com esta vara, você vai castigar a mim. O castigo tem que se cumprir, porque a falta existiu. Você não quer receber o castigo, mas eu o amo tanto que estou disposta a receber o castigo por você.”

“Até aquele momento eu tinha chorado com os olhos”, contou Richards.

“Naquele momento eu comecei a chorar com o coração. Como teria coragem de bater na minha mãe por um erro que eu tinha cometido?”

Você entendeu a mensagem?

É isso que acontece entre Deus e nós quando, depois de pecar, suplicamos perdão. Ele olha com amor para nós e diz:

– Filho, você pecou e merece a morte, mas você não quer morrer. Então, só tem uma saída, Meu filho.

– Qual é? – perguntamos ansiosos.

– Em lugar de você morrer pelo pecado que cometeu, estou disposto a sofrer a consequência de seu erro – responde Ele com Sua voz mansa.

Richards não teve coragem de castigar sua mãe por um erro que ele tinha cometido. Mas nós tivemos coragem de crucificar o Senhor Jesus na cruz do Calvário. Continuamos crucificando-O cada dia com as nossas atitudes. E Ele não diz nada. Como cordeiro, é levado ao matadouro; e, como ovelha muda diante dos seus tosquiadores, não abre a boca, não reclama, não exige direitos, não pensa em justiça. Apenas morre, morre lentamente, consumido pelas chamas de um amor misterioso, incompreensível, infinito.

Não, eu nunca terei palavras para agradecer o que Ele fez por mim. Eu nunca poderei entender a plenitude de Seu amor por mim. Mas, ao levantar os olhos para a montanha solitária e ver pendurado na cruz um Deus de amor, meu coração se entenece e exclamo como a garota do colégio:

“Como teria coragem de não amar alguém que me ama tanto?”

4

Milagres não se explicam

Por que é difícil amar a Deus, mesmo sabendo o que Ele fez por nós? No capítulo 3 de João, achamos a história de um homem que não conseguia amar, apesar de ter abundante conhecimento bíblico.

Esse homem cumpria aparentemente todas as normas, esforçava-se cada dia para ser um bom membro de igreja, tinha até um cargo de liderança, mas não era feliz. Experimentava uma sensação de vazio na alma, faltava em sua vida alguma coisa. O pior de tudo era que nem ele próprio sabia definir o quê.

É possível que Nicodemos costumasse ficar acordado até altas horas da noite, sem conseguir dormir. Muitas vezes, deitado na cama, talvez se perguntasse: “Meu Deus, o que está faltando? Devolvo meus dízimos, guardo o sábado, faço trabalho missionário, canto no coral da igreja, sou professor da Escola Sabatina, mas sinto que alguma coisa está errada dentro de mim; tenho a impressão de que de nada adianta todo o meu esforço. O que está acontecendo comigo?”

Foi talvez numa daquelas noites que se levantou e procurou Jesus. Sabia onde achá-Lo. Estudava as profecias e tudo apontava Cristo como o Messias que havia de vir. Seu problema não era falta de conhecimento. A tragédia de Nicodemos jazia no fato de nunca ter tido um encontro pessoal com Cristo.

Amparado pelas sombras da noite, foi até onde Jesus estava. No fundo, tinha vergonha que os outros o vissem procurando ajuda. Afinal, ele era um líder da igreja. Os homens supõem que líderes devem ajudar e não pedir ajuda. Vocês percebem o drama daquele homem? Cheio de teorias, cheio de doutrinas, cheio

de profecias, sozinho, precisando de ajuda, angustiado, porém impedido, por causa do seu *status*, de correr como o jovem rico e cair aos pés de Cristo dizendo: “Senhor, estou perdido! O que preciso fazer para ter a vida eterna?”

Não foi difícil para Nicodemos achar Jesus. Cristo estava no Monte das Oliveiras, esperando com os braços abertos. Seus olhares se encontraram. Era o encontro da paz e do desespero, da calma e da angústia, da plenitude e do vazio, da certeza e da incerteza. Aqueles olhos de Cristo olhavam na alma, perscrutavam o coração, irradiavam amor, paz e perdão. Nicodemos tentou abrir o coração, contar suas tristezas, falar de seus fracassos, da confusão toda que o inquietava, mas não conseguiu. Seu orgulho falou mais alto.

– Rabi – disse –, bem sabemos que és Mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que Tu fazes se Deus não estiver com ele.

Tenho a impressão de que na realidade ele quis dizer: “Eu Te reconheço como Mestre, e vim falar contigo de mestre para mestre. Vamos estudar um pouco as profecias que se relacionam com as coisas que Tu fazes.” Jesus fixou os olhos em Nicodemos e viu através deles uma alma angustiado. Não era de profecias que ele estava precisando, nem de teologia, nem de doutrinas. Às vezes, nós, os humanos, vivemos preocupados em procurar o conhecimento teológico, quando na realidade a nossa necessidade é outra.

– Nicodemos – disse Cristo –, você precisa nascer de novo. Você precisa ser convertido. Este é o seu problema e, enquanto você não experimentar o novo nascimento, não adianta estar na igreja, nem conhecer a doutrina, nem ter um cargo de liderança. Nada substitui a experiência da conversão.

Aquela declaração foi como uma bofetada no rosto de Nicodemos.

– Como pode o homem nascer de novo sendo velho? Pode porventura retornar ao ventre materno? – perguntou ele, simulando não entender.

E Cristo, com um ar de tristeza nos olhos:

– Pare com isso, filho. Você entendeu perfeitamente o que Eu quis dizer. Estou falando de conversão, porque este é o ponto de partida de uma vida feliz. Você vive angustiado e triste porque sua cabeça está cheia só de doutrinas, leis, normas e regulamentos. Você se sente frustrado porque sempre tentou fazer as coisas da maneira certa e nunca conseguiu. Hoje, querido filho, quero transformar seu ser completamente, e você, em lugar de aceitar, tenta se esconder atrás do preconceito e da ironia?

A história de Nicodemos fica sem conclusão no capítulo três de João, porque, naquela noite, ele não aceitou o convite de Cristo. Era duro demais reconhecer

que ele, Nicodemos, o teólogo, o líder, o bom membro de igreja, não fosse convertido. Retirou-se triste e frustrado como veio.

Você acreditaria se eu dissesse que o problema de Nicodemos é também o nosso? Corremos talvez hoje o risco de pensar que, porque estamos na igreja, batizados, estamos convertidos. Mas não é sempre assim. Não podemos confundir conversão com convicção. Ambas as palavras soam parecidas, mas têm significados completamente diferentes. A primeira tem que ver com o coração e a vida; a segunda limita-se apenas ao que vai na cabeça.

Um dia desses, alguém nos deu uma série de estudos bíblicos. Aceitamos a doutrina do sábado, da lei, do dízimo, do Espírito de Profecia, do santuário e finalmente decidimos nos batizar. Ao sair do tanque batismal, pensamos: “Agora estou convertido.” Mas talvez não seja assim. Estamos convencidos da doutrina, com certeza, mas estar convencido não significa estar convertido. E aí começa a confusão toda. Passamos pela vida como Nicodemos, cheios de teoria e de doutrina, muitas vezes sabendo tudo isso desde a meninice, porque nascemos num lar cristão, mas vivemos com essa permanente sensação de vazio, de impotência, de fracasso. Queremos amar a Deus e não conseguimos. Por quê?

Vamos tentar entender melhor este assunto da conversão. Para isso, temos que remontar novamente ao Éden. Lá encontraremos Adão e Eva, recém-saídos das mãos do Criador. Eles eram seres perfeitos, tinham sido criados assim, sem propensão para o pecado, com capacidade de obedecer. Eles se deleitavam na obediência. Obedecer era para eles tão fácil como para você é respirar. Não precisavam se esforçar para isso. Tinham uma natureza perfeita.

O problema começou quando eles pecaram, porque nesse instante eles perderam sua natureza perfeita e adquiriram uma natureza estranha, incapaz de obedecer e que se deleita nas coisas erradas da vida. Chamaremos a isso de natureza pecaminosa.

Agora, com essa natureza pecaminosa, o homem não consegue mais obedecer. Agora, o que para ele é simples como respirar é a desobediência, o pecado. Infelizmente, essa natureza pecaminosa foi passando de pai para filho até o dia em que nós viemos a este mundo. O dia em que nascemos, nascemos com essa natureza, e com ela é impossível obedecer.

É isso o que a Bíblia diz: “Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal” (Jeremias 13:23). “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jeremias 17:9).

“Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias” (Mateus 15:19).

– Pastor – você deve estar se perguntando –, isso quer dizer que eu nunca conseguirei obedecer?

– Do jeito que você nasceu – respondo –, com essa natureza que recebeu de seus pais, não.

Foi isto o que Cristo quis dizer a Nicodemos quando falou: “Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.”

George E. Vandeman, em seu livrinho *How to Live with a Tiger* (Como Viver com um Tigre), apresenta uma interessante ilustração: “Suponhamos”, disse ele, “que um dia um lobo comece a observar a vida das ovelhas e depois de um certo tempo chegue à conclusão de que o melhor modo de vida é a vida das ovelhas e decida juntar-se a elas. Para isso, coloca uma pele de ovelha em cima e passa a conviver com as ovelhas. Como você acha que ele se sentirá quando chegar a hora de comer e as ovelhas comerem com prazer o capim verde? Você acha que ele se deleitará comendo capim? Suponhamos também que ele seja um lobo honesto, e não queira voltar atrás na decisão que tomou. Você acha que cinco ou dez anos depois ele finalmente aprenderá a gostar de capim? Não, claro que não, porque ele é lobo, com paladar de lobo e com natureza de lobo.”

Continuemos imaginando a vida do lobo em meio às ovelhas. A princípio talvez ele se esforce para viver exatamente como as ovelhas vivem, embora tudo isso seja contrário à sua natureza. Mas o tempo vai passando, o entusiasmo da decisão que tomou vai diminuindo e, finalmente, depois de um ou dois anos, não consegue mais ficar amarrado a um tipo de vida alheio à sua natureza. Aí, um dia, enquanto as ovelhas dormem, ele se levanta em silêncio e vai embora.

Longe do rebanho, tira a pele de ovelha e vive como lobo, come como lobo, enfim, faz tudo que os lobos fazem. Depois de ter dado rédea solta a seus instintos e gostos de lobo, ele retorna, coloca novamente a pele de ovelha e no sábado está com as ovelhas, como se nada tivesse acontecido. Nada? Aconteceu sim, e ele sabe disso, e chora em silêncio por isso.

Um dia, não conseguindo suportar mais esse tipo de vida, clama do fundo de seu coração: “Ó Deus, Tu sabes que quero ser ovelha de verdade, mas Tu conheces minha verdadeira natureza: sou um lobo, nasci lobo, não tenho culpa de ter nascido assim. Mas, Deus, por favor, não quero ser mais lobo, quero me tornar uma ovelha de verdade. Faze alguma coisa por mim.” E Deus faz o milagre da transformação. Com um toque milagroso, converte esse lobo numa

ovelha de verdade, com coração de ovelha, com paladar de ovelha, com mente de ovelha.

É justamente isso o que Deus está prometendo. “Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos. [...] Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós espírito novo” (Ezequiel 36:25, 26). Pedro acrescenta: “Pelas quais nos têm sido doadas as Suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo” (2 Pedro 1:4).

Entende, meu amigo? Deus está prometendo dar-nos uma nova natureza, a natureza de Cristo, que gosta de amar a Jesus e se deleita na obediência.

Isso é conversão. Ellen G. White a explica assim: “Não somos, por nós mesmos, mais capazes de viver vida santa do que o era aquele homem de andar. Muitos há que compreendem a própria impotência, e anseiam aquela vida espiritual que os porá em harmonia com Deus; estão vãmente lutando por obtê-la. Em desespero clamam: ‘Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?’ Que estas almas acabrunhadas, lutadoras, olhem para cima. Ninguém vê a mão que suspende o fardo nem a luz que desce das cortes celestiais. A bênção vem quando pela fé a alma se entrega a Deus. Então, aquele poder que olho algum pode discernir cria um novo ser à imagem de Deus” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 173, 203).

Um novo ser, você compreende? Um ser capaz de amar, um ser que queira obedecer, um ser que se deleita em fazer a vontade de Deus. Não é essa uma promessa maravilhosa? Ninguém vê, porém o milagre acontece, porque a promessa não é humana, é divina.

Há uma coisa que deveríamos entender antes de continuar: nem todas as conversões são iguais. Algumas acontecem num instante, um homem pode ser transformado em dois segundos, mas outras vezes esse processo é gradual e leva tempo. Algumas conversões são acompanhadas por uma grande emoção. Outras não. Isso não significa que a primeira seja necessariamente mais autêntica do que a segunda.

Alguns cristãos podem lembrar o momento exato de sua conversão, outros não podem fazê-lo. Saulo de Tarso caiu do cavalo e foi convertido, mas não pense que todas as pessoas devam cair do cavalo para ser convertidas. O que realmente importa é que a mudança de natureza aconteça. A transformação é uma realidade: de repente, o lobo vira uma ovelha genuína.

Desenvolvi o primeiro ano de meu ministério numa favela, na capital de meu país. Era um morro habitado por gente necessitada e carente, em sua maioria, mas aquele lugar se tornou cenário de conversões maravilhosas que o Espírito de Deus operou.

Certo dia, andando pelos estreitos caminhos daquele morro, fui surpreendido por um cachorro que começou a latir. Inexperiente, cometi a imprudência de correr e, em poucos segundos, não era só um, mas um bando de cachorros que corria atrás de mim. Assustado, tive que empurrar a porta de uma casa e me esconder dos cães enfurecidos. Mas, quando percebi onde estava, teria preferido que os cachorros me pegassem lá fora. Era um quarto escuro e pouco ventilado, iluminado por duas velas grandes no centro de uma mesa. Havia um cheiro horrível. Em cima da mesa podia-se ver uma pequena montanha de cinza de cigarro e folhas de coca. Em torno da mesa, mulheres bêbadas e, no chão, garrafas vazias de bebida alcoólica.

Em fração de segundos, me vi rodeado pelas mulheres. Pedi desculpas. Expliquei que tinha entrado por causa dos cachorros, mas de nada adiantou a cortesia. Tive que ser, de certo modo, mal educado, e à força consegui sair.

Alguns dias depois, uma daquelas mulheres abordou-me na rua.

– Foi você que entrou em casa outro dia, perseguido pelos cachorros?

– Sim – eu disse, e pedi desculpas mais uma vez.

– Desculpas? – surpreendeu-se. – Não senhor, acho que nós é que temos que nos desculpar.

Expliquei para ela que era pastor e que estava pregando todas as noites, no salão na parte alta do morro, e convidei-a para assistir às nossas conferências.

Naquela noite, para minha surpresa, ela esteve lá. Tinha bebido bastante e dormiu durante a pregação. Na noite seguinte retornou e também na outra e na outra. Sempre bêbada, dormia enquanto eu falava.

Um dia, ela me procurou. – Pastor – disse, angustiada e cheirando a álcool –, preciso falar com o senhor. Minha vida é uma tragédia. O senhor pode pensar que eu não entendo nada do que fala porque sempre estou bêbada, mas, infelizmente, entendo tudo, pastor, e estou desesperada.

Olhei para ela com simpatia. Era fácil ver no rosto, nos olhos, nas lágrimas que resistiam em cair, a tragédia de uma vida sem Cristo. Ela era uma alcoólatra inveterada.

– Pastor – continuou –, eu tive uma família bonita, um marido honesto e trabalhador e filhos maravilhosos. Não vivíamos na abundância, mas nunca

faltou o pão de cada dia, até que fiquei viciada na bebida. Não sei como aconteceu. Cheguei a um ponto em que a bebida era o mais importante em minha vida. Às vezes, meu marido chegava à noite cansado de trabalhar e me achava bêbada, os filhos com fome e abandonados. Esse foi o início da desgraça. Ele começou a me bater, mas nem por isso eu parava de beber. A vida em casa se tornou insuportável. Um dia, enquanto ele estava no trabalho, tive a coragem de pegar minhas roupas e abandonar o lar, o marido e os filhos, o menor dos quais tinha apenas dois anos. Aí, vim morar neste morro onde, para sobreviver, me entreguei a uma vida de promiscuidade e abandono.

Doía, doía muito ver como o pecado arruína completamente a vida de uma pessoa e a leva muitas vezes a cometer coisas que a própria pessoa não entende depois.

– Todo este tempo em que estive assistindo às conferências – seguiu falando a mulher –, tenho sentido que minha vida não pode continuar assim; tenho que parar de beber. Mas, pastor, quando estou lúcida, lembro de meus filhos, de meu marido, e a angústia toma conta de mim. Então, para esquecer, torno a beber e assim minha vida entrou num círculo vicioso.

A promessa de Deus é que “Ele nos libertará das concupiscências deste mundo”. “Ele nos manterá sem queda.” “Ele nos dará uma nova natureza.” “Ele transformará o nosso ser.” E foi isso o que aconteceu com aquela mulher. Desde o fundo do poço de desespero e culpabilidade, desde as profundezas das sombras de miséria e angústia, ela clamou a Deus: “Ó Senhor, transforma meu ser, muda o rumo de minha vida, liberta-me da escravidão do vício que me domina, dá-me uma nova natureza.” E Deus a ouviu. Ninguém viu, mas o poder de Deus criou uma nova criatura.

Ela largou a bebida, mas passou a conviver com a tristeza do abandono do marido e dos filhos. Era uma realidade lacerante, feria a alma e fazia sangrar o coração. Doía vê-la sofrendo, e foi por isso que procurei o marido. Homem bom, aquele. Levantava-se toda manhã de madrugada, preparava a comida para os filhos e rumava para o trabalho. O garoto mais velho, de doze anos, esquentava depois os alimentos para os irmãos mais novos. O homem retornava para casa à noite, cansado, e ainda tinha que arrumar a casa e lavar a roupa. Era uma vida sacrificada.

Foi difícil falar alguma coisa vendo um quadro de desalento. Finalmente, após algumas visitas, eu disse para ele que vinha em nome da esposa. Ele mudou de atitude. Quase cuspiendo fogo pelos olhos, disse: “Não me fale dessa mulher! Ela

arruinou minha vida e a vida de meus filhos; aliás, ela acabou com a nossa vida, porque o que nós vivemos hoje não é mais vida.”

Os dias foram passando, e com o tempo ficamos amigos. Falei para ele que a esposa que o abandonara tinha morrido, que hoje aquela era outra mulher, que não bebia mais, e que sofria por ter abandonado a família.

Ah, o Espírito de Deus consegue coisas que para o homem são impossíveis! Meses depois, ele aceitou ver a esposa. Marcamos o encontro. Aquela noite orei a Deus e pedi que fizesse mais um milagre na vida dessa mulher, que tocasse o coração daquele homem, que reconstruísse aquele lar desfeito pelo pecado. Sabe, existem momentos que marcam a vida para sempre. Aquele foi um desses momentos na minha vida.

Lá estava o marido, rodeado dos filhos. A mulher se aproximou e caiu aos pés deles.

– Perdoem-me, perdoem-me! – disse ela chorando. – Eu não mereço, mas, por favor, me perdoem. Já perdi todos os direitos que tinha, não sou ninguém, apenas quero que me permitam cuidar de vocês. Serei uma serva, nunca reclamarei de nada, só quero ficar perto e cuidar de vocês e fazer tudo o que deixei de fazer...

Foram momentos dramáticos e emotivos. No silêncio do coração continuei orando.

De repente, o homem levantou a mulher e perguntou:

– Você não bebe mais?

– Não. Há meses que Cristo tirou a bebida de mim.

– É inacreditável – completou o marido emocionado. – Quando o pastor falou que você não bebia mais, eu não acreditei, quis conferir com meus próprios olhos; mas é verdade, você não bebe mais. Você diz que foi Cristo quem tirou a bebida de você? Então eu quero conhecer o Cristo que foi capaz de fazer esse milagre.

A essa altura, dei meia-volta e, escondendo duas lágrimas, retirei-me do lugar.

Meses depois, tive a alegria de ver batizados aquele homem, sua mulher e o filho mais velho, de doze anos.

Como Deus transforma? Não sei. Mas eu sei que Ele é capaz de mudar. Ao longo de meu ministério, tenho visto muitas vidas transformadas. Marginais, jovens viciados em drogas, bêbados, homens e mulheres que pareciam não ter mais esperança de recuperação. E, se Deus foi capaz de transformar todos eles, não poderá também transformar nosso ser?

“Pastor”, você dirá, “eu não sou como aqueles homens.” Eu sei disso. Mas

Nicodemos também não era assim, e Cristo disse para ele: “Você tem que nascer de novo, você precisa que Eu mude sua vida, você precisa de uma nova natureza.” E Nicodemos achou que, porque conhecia bem a doutrina, já tinha sido convertido. Achou que aquela declaração de Cristo era uma ofensa para ele e foi embora.

Durante três anos, continuou frequentando a igreja e carregando aquele sentimento de que alguma coisa estava errada com ele. Continuou assistindo aos cultos, desempenhando suas responsabilidades de liderança, mas vazio e triste por dentro. Até que um dia os judeus prenderam Jesus e O levaram ao topo da montanha do Calvário. Ali, Seu corpo foi levantado. Embaixo, entre a multidão, estava Nicodemos, tremendo. E, ao ver a silhueta de Cristo se projetar no horizonte, lembrou a noite de três anos atrás, quando Jesus disse: “Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, é necessário que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nEle crê não pereça mas tenha a vida eterna.”

Nicodemos não conseguia resistir mais. Eu imagino que se aproximou da cruz. Talvez o olhar agonizante de Cristo o tivesse alcançado lá embaixo, e é possível que Nicodemos clamasse: “Por favor, Jesus, não vá embora! Não sem transformar meu ser. Dá-me a nova natureza de que falou aquela noite.” E o clamor de Nicodemos foi ouvido. Cristo transformou seu ser. E aquele homem medroso, que um dia procurou Jesus amparado pelas sombras da noite, não teve medo de confessar publicamente a Cristo como seu Salvador. E, junto com José de Arimateia, reclamou o corpo de Cristo para dar-lhe sepultura.

Isso não é maravilhoso? O milagre da conversão pode acontecer. Com você, comigo, com qualquer um que o aceitar. É só correr para a cruz de Cristo e reconhecer três fatos.

Primeiro: “Eu sou um pecador.” Não existe nada mais difícil para o orgulhoso coração humano do que reconhecer, não uma fraqueza, não um problema de personalidade, mas o pecado. Nada de jogar a culpa no fator hereditário, ou ao ambiente em que fomos criados, ou na falta de oportunidades que tivemos. Temos que correr a Cristo e clamar: “Senhor, ajuda-me! Sou um pecador. Sou o único responsável, não tenho explicação, apenas quero ser perdoado.”

Em segundo lugar, o doloroso fato: “Eu não posso.” Não adianta querer ser bom por nossos próprios esforços. A humanidade está ficando louca porque fala de “autodisciplina”, de “energia interna”, de “força mental”. Ela se esqueceu de olhar para Cristo e está olhando para dentro de si em busca de solução e só acha

fracasso e frustração. Nada disso! Olhemos para Cristo e falemos: “Ah, Senhor, já tentei de tudo e não consegui! Carrego dentro de mim uma natureza estranha que me leva para o pecado. Por favor, ajuda-me, porque eu não posso.”

E agora o fato mais extraordinário: “Deus pode!” Sim, meu amigo, Ele pode. Olhemos para o alto da montanha e como Nicodemos caíamos aos pés da cruz, clamando no silêncio do coração: “Deus, por favor, muda o rumo de minha vida, dá-me uma nova natureza.”

A Palavra de Deus diz que o milagre acontecerá. Pode acontecer agora, neste momento, enquanto suas mãos seguram este livro. Você não está sentindo o Espírito de Deus trabalhando em seu coração. De repente, você sente vontade de fechar o livro e jogá-lo no lixo. Existe uma coisa que se revolta dentro de você. É a natureza pecaminosa, que não gosta das coisas certas. Mas a voz de Deus continua chamando seu coração. Você sente. E pergunta: “Como pode ser isto? Como pode Deus mudar minha vida num segundo?” Não sei, milagres não têm explicação, e a conversão é um milagre.

Eu não posso explicar como a água pura e simples, pelo toque maravilhoso de Cristo, um segundo depois era vinho de primeira qualidade. Nenhum químico do mundo pode explicar. Milagres não se explicam, se aceitam.

Como foi possível um cego de nascença viver em escuridão anos e anos e, num segundo depois do toque divino, estar enxergando? Oftalmologista nenhum pode explicar isso. Milagres não se explicam... se aceitam.

Neste momento, agora, Deus quer fazer um milagre com você: o milagre da conversão. Estou orando enquanto escrevo as últimas linhas deste capítulo, orando por você, sem conhecê-lo, mas com a certeza de que você dirá em seu coração: “Senhor, eu aceito o milagre.”

É possível conviver com um lobo?

-Pastor, eu acho que não estou convertido. Constantemente sinto vontade de pecar. A minha vida é um permanente conflito. Quero servir a Jesus, mas ao mesmo tempo sinto vontade de fazer coisas erradas. Tem solução para mim?

A pergunta veio de um rapaz simples de 20 anos, lá do sertão de Pernambuco, embora pudesse ter saído dos lábios de um empresário bem-sucedido dirigindo sua Mercedes na Avenida Paulista. O problema é o mesmo para homens e mulheres, jovens e adultos, ricos e pobres.

Por alguma razão, temos a ideia de que no momento da conversão a nossa luta acaba, e que a partir desse momento não pecaremos mais; seremos perfeitos, no sentido de ser exemplo de vida para outros.

Mas por que é que, a partir do momento em que nos entregamos a Cristo, nossa luta se torna maior e o conflito aumenta?

Antes de mais nada, temos que entender o que acontece no momento da conversão. Muitos têm a ideia de que, na hora da conversão, Deus tira de nós a natureza pecaminosa e a joga fora para sempre, colocando em substituição a nova natureza que gosta de amar e obedecer. Isso não é completamente verdade. Seria maravilhoso se fosse assim, já que nunca mais teríamos vontade de pecar. A fonte da “concupiscência e das paixões deste mundo” não existiria mais. Em consequência, nossa vida seria como a de Adão e Eva antes da queda.

Infelizmente, não é assim que sucedem as coisas. Ao nos converter, Deus coloca dentro de nós uma nova natureza, a natureza de Cristo. Mas o que

acontece com a velha natureza pecaminosa, a natureza de lobo? Ela não sai, como muitos imaginam. Ela fica aí, agonizante. “Aquela parte que em cada um de vocês gosta de pecar foi esmagada e mortalmente ferida” (Romanos 6:6, MIEA), afirma o apóstolo. E agora? Agora passamos a ser pessoas com duas naturezas: a natureza de Cristo, nova, recém-implantada, e a velha natureza pecaminosa, “esmagada e mortalmente ferida” que continua dentro de nós.

O ideal seria que a velha natureza permanecesse sempre “mortalmente ferida”. Mas essa situação não é definitiva; é circunstancial. Na primeira oportunidade que receber alimento, ela ressuscitará e, se continuar sendo alimentada, recuperará completamente as forças e lutará para expulsar de nossa vida a nova natureza.

É por isso que depois da conversão a luta aumenta. Existe muito mais conflito num homem depois de sua conversão do que antes dela. Você está surpreso? Tente entender o que estou dizendo. Depois de aceitar a Jesus, você pode esperar maior luta em seu coração, um conflito interno, que muitas vezes o levará ao desespero, se você não parar a fim de entender o problema.

O assunto é simples. O homem sem Cristo tem uma só natureza, a natureza com que nasceu, e essa natureza faz as coisas erradas na hora que deseja. Não existe ninguém para se opor. Não existe luta, não há conflito.

Mas você entregou sua vida a Cristo, experimentou o milagre da conversão e tem agora uma nova natureza que se opõe à velha. Você entende por que a vida do homem inconverso pode parecer mais leve? Ele só tem uma natureza, e ela assume o controle da vida, sem oposição. Mas, logo depois da conversão, quando o homem pensa que a velha natureza foi embora, descobre que ela continua dentro, e o conflito começa. Ele tem duas naturezas e as duas estão lutando.

Você conhece a história de Paulo? Houve um momento em sua vida em que ele chegou à beira da loucura. Na sua carta aos cristãos de Roma, ele diz: “Eu não entendo o que faço, pois não faço o que gostaria de fazer. Pelo contrário, faço justamente aquilo que odeio. [...] E isso mostra que, de fato, já não sou eu quem faz isso, mas o pecado que vive em mim. [...] Assim eu sei que o que acontece comigo é isto: quando quero fazer o que é bom, só consigo fazer o que é mau. Dentro de mim eu sei que gosto da lei de Deus. Mas vejo uma lei diferente agindo naquilo que faço, uma lei que luta contra aquela que a minha mente aprova” (Romanos 7:15-23, NTLH).

Entende, meu amigo? Duas naturezas, duas forças lutando dentro do apóstolo

Paulo. Um conflito que o levou ao desespero, porque no verso seguinte ele clama: “Que situação terrível esta em que estou! Quem é que me livrará da minha escravidão a esta mortífera natureza interior?” (Romanos 7:24, MIEA).

Agora pergunto: “No momento em que Paulo escreveu a carta aos Romanos, estava ou não convertido?” Claro que estava. Ele tinha sido convertido lá na estrada de Damasco, quando se encontrou com Jesus e caiu do cavalo. Porém, aqui está a experiência de um homem convertido sentindo dentro de si o conflito que produz a luta das duas naturezas.

Não se preocupe, meu amigo, por causa da tensão e do conflito que vêm após sua conversão. Duas naturezas, entende? Você e eu somos homens com duas naturezas, e elas não gostam uma da outra. O apóstolo Paulo um dia conseguiu entender este conflito, e então escreveu: “Quero dizer a vocês o seguinte: deixem que o Espírito de Deus dirija suas vidas, e não obedeçam aos desejos da natureza humana. Porque o que a nossa natureza humana quer é contra o que o Espírito quer, e o que o Espírito quer é contra o que a natureza humana quer. Os dois são inimigos, e por isso vocês não podem fazer o que vocês querem” (Gálatas 5:16, 17, NTLH).

“Pastor”, você dirá, “quer dizer que toda minha vida vai ser uma vida de conflito?” Não necessariamente; e isso vai depender de sua decisão. As duas naturezas estão hoje em luta, mas, finalmente, uma delas vencerá. Uma delas assumirá o controle completo de sua vida. Uma delas sobreviverá e a outra morrerá. Qual delas será a vitoriosa? Também isso vai depender de sua decisão.

Vamos ilustrar o assunto desta maneira. Suponhamos que estão soltas na arena de um circo duas feras envolvidas numa luta de morte. Os empresários do circo separam as duas feras e as colocam em jaulas separadas. Uma delas é fartamente alimentada. Recebe comida e água em abundância. A outra é deixada no esquecimento quase total. Vez por outra alguém dá para ela apenas um bocado de alimento, o suficiente para não morrer. Quando chegar o momento do confronto, qual delas vencerá? Existe alguma dúvida? Você sabe que será a que for melhor alimentada, não sabe?

É isso o que acontece na luta das naturezas por obter o controle da nossa vida. Só uma delas assumirá finalmente, por completo, o domínio do território. E, sem dúvida, será a que for melhor alimentada.

Ocorre que os seres humanos, geralmente, alimentam mais a natureza pecaminosa, e essa é a causa de nosso fracasso constante, mesmo depois de nossa entrega a Cristo.

Deus realizou em nós o milagre da conversão, implantou em nosso coração a nova natureza, mas nós não cuidamos dela, não a alimentamos e, em consequência, a velha natureza está sempre tomando o controle de nossa vida.

Como é que se alimentam as naturezas? Através dos cinco sentidos. Tudo o que entra em nossa mente através dos sentidos é alimento para uma ou outra natureza. Especialmente aquilo que vem através da visão e da audição. Este é o motivo por que precisamos ser cuidadosos na escolha dos programas que assistimos, dos filmes que vemos, das revistas e livros que lemos das músicas que ouvimos e das conversas das quais participamos.

É verdade que enquanto estivermos neste mundo, mesmo sem querer, estaremos sempre filtrando comida para a natureza má. Eu não posso evitar ouvir uma música que inspire sentimentos negativos enquanto estou num ônibus ou no local de trabalho, por força das circunstâncias. Não posso também evitar que apareça uma imagem negativa enquanto leio ou assisto ao noticiário. É impossível deixar de ouvir conversas pouco edificantes na escola ou na rua. Mas posso evitar colocar voluntariamente esse tipo de “alimento” em minha mente. É inevitável que vez por outra passem “migalhas” para a natureza má. Mas posso evitar que entre para ela “filé mignon”. Posso evitar alimentá-la consciente e voluntariamente.

Na realidade, a nossa vitória e, em consequência, a nossa felicidade na vida cristã dependem de certo modo de aprendermos a conviver com ambas as naturezas. Como? Alimentando a natureza de Cristo e matando de fome a outra. É isso que Paulo diz quando afirma que “os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com suas paixões e concupiscências” (Gálatas 5:24).

Nos tempos de Cristo, quando um homem era crucificado, era declarado legalmente executado e morto, mas na realidade continuava vivo na cruz, sofrendo e agonizando. Às vezes, os parentes ou amigos iam à noite e resgatavam o corpo do executado, cuidavam dele e o homem tomava a viver, e muitas vezes voltava à sua vida de delinquência e crime.

O que Paulo está querendo dizer é que temos que manter nossa velha natureza pregada na cruz. Não deixar que ela desça, e muito menos cuidar dela e alimentá-la.

“Bem, pastor”, você dirá, “até quando terei de conviver com essa luta das naturezas?”

Enquanto estivermos neste mundo, não há modo de nos livrarmos dela completamente, embora possamos tornar a luta mais leve, deixando de alimentar

a natureza má. Podemos manter esta última “mortalmente ferida e agonizante”, mas jogá-la fora de nosso ser, não. Até uma cristã vitoriosa como Ellen White declarou: “Não podemos dizer ‘Eu não tenho pecado’ enquanto este corpo vil não for mudado e transformado à imagem do corpo glorioso de Cristo” (*Signs of the Times*, 23 de março de 1888).

Mas, graças a Deus, existe uma promessa maravilhosa. “Digo-lhes isto, meus irmãos: um corpo terreno, feito de carne e sangue, não pode entrar no reino de Deus. Estes nossos corpos mortais não são do tipo adequado para viver eternamente. Contudo, eu lhes estou contando este segredo estranho e maravilhoso: nem todos morreremos, porém todos receberemos novos corpos! Tudo acontecerá num instante, num piscar de olhos, quando for tocada a última trombeta. Porque virá do céu um toque de trombeta, e todos os cristãos que já morreram de repente voltarão à vida, com novos corpos que nunca, jamais morrerão; e então, nós, que ainda estivermos vivos, também receberemos, de súbito, novos corpos. Porque os nossos corpos terrenos, os que temos agora e que são mortais, serão transformados em corpos celestiais que não podem pecar, mas viverão para sempre. Quando isso acontecer, finalmente, se tornará verdadeira esta escritura: ‘A morte foi tragada na vitória!’ Ó morte, onde está agora tua vitória? Onde está o teu aguilhão? Porque o pecado – o aguilhão que causa a morte – terá desaparecido completamente” (1 Coríntios 15:50-54, MIEA).

Não é isto maravilhoso? Um novo corpo. Sem natureza pecaminosa. Finalmente, Deus arrancará a velha natureza de nós e a jogará fora, para sempre. Aí, sim, não haverá mais luta, conflito interior, vontade de pecar. Tornaremos a ser pessoas com uma só natureza, a natureza de Cristo, perfeita e que se deleita em amar, obedecer e andar nos caminhos de Deus.

Enquanto esse dia não chegar, vamos aprender a conviver com a velha natureza, matando-a de fome, desnutrindo-a, asfixiando-a e alimentando constantemente a nova natureza. Esse foi o segredo que descobriu um dia o apóstolo Paulo.

Alguns anos depois de escrever o desesperado capítulo da carta aos Romanos, Paulo escreveu aos Filipenses dizendo: “E agora irmãos, ao terminar esta carta, quero dizer-lhes mais uma coisa. Firmem seus pensamentos naquilo que é verdadeiro, bom e direito. Pensem em coisas que sejam puras e agradáveis” (Filipenses 4:8, MIEA).

Ele está falando do alimento da nova natureza, você percebe? Ele tinha

descoberto o segredo da vida vitoriosa. Ele não alimentava mais a natureza velha. A natureza de Cristo tinha assumido agora o controle de sua vida. “Eu próprio não vivo mais; sim, é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2:20, MIEA).

E, à medida que os anos passaram, sua velha natureza ficou cada vez mais fraca, de tal modo que, quando chegou o momento de sua morte, ele exclamou: “Muito tempo lutei incansavelmente e no meio de tudo eu me conservei fiel ao Senhor. Agora chegou a hora de parar de lutar e descansar: Venci. Lá no Céu me espera uma coroa a qual o Senhor me dará no dia de Seu regresso” (2 Timóteo 4:6-8, MIEA).

Ah, meu caro leitor, como é bom ver o final da vida de Paulo! “Venci”, diz ele. “Consegui”, “alcancei”. Emociono-me ao pensar em tais palavras. Quer dizer que eu também posso vencer? Eu também posso ser um vitorioso? É isso mesmo, meu amigo. Você e eu também podemos. Cristo garantiu a nossa vitória na cruz. Ele está bem pertinho de você nas horas de luta. Nos momentos em que você acha que todo mundo o abandonou, que você nunca conseguirá, que você é um fracasso completo, lembre-se de que Ele está aí, amando-o, perdoando-o, sustentando-o. “Porque Deus está operando em vocês, ajudando-os a desejar obedecer-Lhe, e depois ajudando-os a fazer aquilo que Ele quer” (Filipenses 2:13, MIEA).

Tudo é uma questão de tempo. Ele virá e não tardará, e aí a vitória será definitiva e eterna.

“Deus, obrigado pela promessa de que um dia a luta findará. Ajuda-me, enquanto estiver neste mundo, a alimentar a natureza de Cristo e matar de fome a natureza carnal. Essa é minha parte, ó Deus, eu sei, mas nem isso consigo. Por favor, vem e faz por mim o que eu sou incapaz de fazer por mim mesmo. Amém!”

6

Amigos defendem seus amigos

Vimos no capítulo anterior que dentro de nós existem duas naturezas lutando para obter o controle de nossa vida. O inimigo fará tudo o que puder para que a natureza pecaminosa vença e nos empurre ao pecado. O alvo é a nossa mente porque ela significa a nossa vontade. O território da mente é o campo de batalha. Se ele conquistar nossa mente, conquistou nossa vida. Por isso, ele fará de tudo para capturá-la. Usará drogas, álcool, cigarro, sexo, teorias, filosofias. Não importa o método, não importa a hora, não importa o preço. O seu lema é vencer, derrotar e arruinar. Você descobrirá que a luta não é fácil, que há momentos em sua vida que você se sente como uma plantinha no meio do deserto tentando resistir a um furacão que o levará para a destruição.

O que fazer? Tem Deus alguma solução? Claro que tem. Paulo diz: “Quero recordar-lhes que vocês devem ser fortalecidos com o imenso poder do Senhor. Vistam-se de toda a armadura de Deus, a fim de que possam permanecer a salvo das táticas e das artimanhas de Satanás. Porque nós não estamos lutando contra gente feita de carne e sangue, mas contra pessoas sem corpo, os reis malignos do mundo invisível, esses poderosos seres satânicos e grandes príncipes malignos das trevas” (Efésios 6:10-12, MIEA).

Você vê? Podemos ser vestidos do poder de Deus. Mas a luta não cessará, porque nosso inimigo é invisível, astuto, covarde e persistente. Ele também é traiçoeiro. Nunca mostra o rosto. Ele se disfarça, se esconde e usa como instrumento para chegar ao controle de nossa vida algo muito sutil chamado

tentação.

O que é tentação? É todo esforço que o inimigo faz para levar-nos a pecar. Mas tentação não é pecado. Ninguém precisa se sentir um pecador pelo fato de experimentar a tentação. Se você está deitado na cama e de súbito aparece um pensamento pecaminoso na sua mente, você não precisa pensar que está perdido e se condenar pelo fato de um pensamento negativo aparecer por um ou dois segundos. Ellen White tem uma ilustração muito simples a esse respeito. “Você não pode impedir”, diz ela, “que os passarinhos voem em cima de sua cabeça, mas pode impedir que eles façam seu ninho nela.”

Existem muitos e variados tipos de tentações. Na realidade, Satanás tem uma fábrica delas. Lá são elaboradas tentações personalizadas. Cada uma especialmente preparada para cada indivíduo. E o inimigo conhece muito bem o lado fraco de cada ser humano. Para um será o álcool, para outro a inveja, para outro as drogas, para outro a deturpação do sexo. Enfim, a nossa luta é contra um ser inteligente. Ele conhece nossas origens, o ambiente em que crescemos, a herança que recebemos de nossos pais. Fará de tudo para nos enganar. Ele se esconderá atrás de uma música sensual, atrás de uma mulher bonita, de um rapaz maravilhoso, de uma teoria fascinante. Ele se vestirá de luz, se for preciso. Para os propósitos dele, vale tudo. O fim justifica os meios.

Mas tudo que ele fizer para enganar você é apenas tentação, e tentação não é pecado. O inimigo nunca poderá vencer, a menos que conte com a colaboração do ser humano. Ele pode fazer o que quiser. Pode rodear a nossa vida de tentações. Vozes. Muitas vozes. Dinheiro, glória, fama, prazer, luzes. Muitas luzes. O que quiser. Tudo não passa de tentação. Ele não pode nos obrigar a pecar. Se cairmos é porque aceitamos cair. É porque cedemos voluntariamente aos feitiços da tentação. “Por maior que seja a pressão exercida sobre a alma, a transgressão é o nosso próprio ato. Não está no poder da Terra nem do inferno compelir alguém a fazer o mal. Satanás nos ataca em nossos pontos fracos, mas não é o caso de sermos vencidos. Por mais severo ou inesperado que seja o ataque, Deus nos proveu auxílio e em Sua força podemos vencer” (*Patriarcas e Profetas*, p. 442).

Podemos ilustrar a diferença entre tentação e pecado com o telefone. O telefone pode chamar. A tentação é o telefone chamando. O pecado acontece se você atender. Se você não atender, não existe pecado. Mas o telefone continua chamando. Incomoda? Claro que incomoda, mas não passa de simples tentação.

Consideremos agora alguns conselhos que podem ser úteis ao enfrentarmos a

tentação. Quando a tentação vier, procure pensar em outra coisa. Já explicamos que a luta é para ocupar o território da mente, então coloque em sua mente promessas bíblicas. Há uma lei física que diz: “Dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço.” O espaço é a nossa mente. Ela nunca pode estar em branco, a não ser quando estamos dormindo. Toda vez que a tentação vier, peça socorro divino, repita um salmo de cor, cante um hino, repita o verso da meditação daquele dia, coloque pensamentos bons e promessas bíblicas em sua mente. De acordo com a lei física, a tentação não terá vez.

O que não podemos é permitir que o pensamento negativo, chamado de tentação, permaneça em nossa mente mais de dois segundos. Não devemos acariciá-lo, não devemos nos deleitar com ele, porque aí a tentação vira pecado. Primeiro, a tentação surge em forma de desejo pecaminoso, que nos levará depois ao ato pecaminoso e, se repetido, nos conduzirá ao vício.

Outro conselho que devemos lembrar é que o período crítico da tentação não dura mais de três minutos. Toda tentação tem um processo. Começa aos poucos e vai batendo e batendo cada vez mais forte à porta da cidadela de nossa mente. Há um momento que parece que não vai dar para resistir. Mas toda tentação chega ao ponto máximo de sua intensidade num período de três minutos. Lembra do exemplo do telefone? Ele toca, toca, mas, se você não atender, ele para de tocar. O bom é que, após passar a investida da tentação, você pode ficar muito mais forte. Cada vez que somos tentados, vencemos ou fracassamos, conquistamos ou somos conquistados. A resposta que dermos à tentação pode nos deixar mais fortes ou mais fracos. Se nos lançarmos nos braços de Cristo e vencermos, estaremos melhor preparados para a próxima tentação. Se lutarmos sozinhos e fracassarmos, estaremos mais fracos e vulneráveis quando vier a próxima tentação.

E agora o conselho mais importante: não olhe para você, olhe para Cristo. Isso é básico, porque o resultado final dependerá de quem ocupa nossos pensamentos. Olhar para nós só trará fracasso e frustração. Aí está a tragédia da humanidade. O mundo diz: “Olhe para você”, “descubra seu potencial”, “concentre-se para conseguir a força mental”, “descubra-se a si mesmo”, “explore sua energia interna”. Mas dentro de nós só existem angústia, vazio, desequilíbrio e, muitas vezes, desespero. Deus tem um caminho melhor. Ele nos pede que olhemos para Cristo. Este é um caminho simples, porém seguro.

Conta-se a história de certo faquir da Índia, que um dia chegou a uma pequena vila declarando que podia fabricar ouro. As pessoas correram para ver o estranho

visitante. O homem colocou num prato grande um pouco de água, algumas gotas de tinta e começou a mexer o prato em círculos, repetindo algumas palavras mágicas.

Num momento em que a atenção do público estava distraída, o faquir deixou escorregar da manga um pedaço de ouro dentro do prato, e depois tirou a água da vasilha e mostrou a todos o pedaço de ouro. Todo mundo olhava incrédulo. Um comerciante da cidade quis comprar a fórmula por 500 dólares e o faquir vendeu. “Mas”, explicou, “você não pode pensar no macaco de rosto vermelho quando mexer o prato, porque, se você pensar nele, o ouro nunca aparecerá.”

O comerciante prometeu que lembraria sempre que devia esquecer o macaco, mas quanto mais se esforçava por esquecer, tanto mais forte ficava em sua mente a imagem do macaco de rosto vermelho. E ele jamais conseguiu o ambicionado ouro.

Não lhe parece familiar este fato? Quanto mais queremos esquecer nossos erros, quando mais queremos jogar fora a tentação, ela está cada vez mais firme aí. Olhe para Cristo, para que Ele ocupe o território completo de sua mente através de promessas bíblicas.

Tenho uma experiência que marcou minha vida de garoto. Devia ter 6 ou 7 anos de idade naquela época. Na escola, todas as crianças tinham mais ou menos a minha idade. Só havia dois rapazes grandes, de 16 anos. Um deles era muito mau. Batia nas crianças e tirava as coisas delas à força.

Minha mãe costumava me dar cada dia 20 centavos para o lanche. Vinte centavos naquele tempo dava para comprar um sorvete de morango e ainda restava troco para comprar amendoim torrado. Tenho a impressão de que cada dia me levantava com uma ansiedade tremenda de ir para a escola por causa do sorvete e do amendoim, e não por causa da aprendizagem. Um sorvete era a maior alegria para um garoto de 6 anos.

Um dia, a caminho da escola, aquele rapaz mau saiu ao meu encontro e me pediu a moeda. Resisti, mas ele me dobrou o braço e, à força, tirou minha moedinha.

“Você está vendo aquele homem sem braço?”, disse depois para mim, apontando para um rapaz maneta que morava no bairro. “Sabe por que não tem braço? Eu cortei o braço dele. E, se você contar para sua mãe ou para a professora que tirei sua moeda, corto também seu braço.”

Aí começou minha tragédia. Dia após dia, eu entregava a moedinha para ele. Isso causava uma revolta dentro de mim. O pior de tudo era que não podia avisar

ninguém. Não queria perder o braço. Tornei-me uma criança triste, chorava à noite sozinho. Não tinha mais motivação para ir à escola. Às vezes, na hora do recreio, aquele rapaz mau comprava um sorvete com meu dinheiro e o tomava perto de mim, zombando e me fazendo sofrer. O que podia fazer uma criança de 6 anos contra um rapaz de 16?

Certo dia, na hora do recreio, eu estava contemplando as crianças brincando, quando aquele rapaz mau bateu numa delas. Naquele momento apareceu o outro rapaz grande da escola e lhe deu um tapa. Para minha surpresa, o rapaz mau não teve coragem de enfrentá-lo.

Uma ideia brilhou em minha mente. Procurei o outro rapaz e disse: – Você gostaria de ganhar 10 centavos todo dia? – E contei a história toda. O rapaz prometeu me proteger. Combinamos que no dia seguinte ele me esperaria no lugar em que o rapaz mau me aguardava diariamente.

Aquela noite quase não dormi. “Amanhã”, pensava, “será meu grande dia. Nunca mais ninguém vai tirar o que é meu.”

No dia seguinte, levantei-me cedo. Recebi a moeda de minha mãe e me dirigi à escola. Lá, no lugar de sempre, estava o rapaz perverso me aguardando. Dessa vez, não olhei para ele. Segui meu caminho, mas ele me alcançou e me pediu a moeda.

– Nunca mais, ouviu? Nunca mais vou lhe entregar a moeda – disse eu olhando desafiadoramente para os olhos dele.

Meu verdugo quase não podia acreditar no que estava ouvindo. Começou a me dobrar o braço. Mas, naquele instante, do outro lado da rua saiu meu amigo e nós dois demos uma surra no grandão.

Você está rindo? Também eu sorrio hoje, mas tremo pensando nas horas de angústia e de impotência que uma criança de 6 anos viveu.

Nós somos a criança e o diabo é aquele rapaz de 16 anos. Às vezes, ele vem e nos tira, não a ilusão de um sorvete, mas a alegria da vida. Derruba nossos castelos, nossos sonhos, estraçalha nossos planos. Rouba-nos os valores morais, o respeito próprio, arranca de nós a paz e o equilíbrio interno e ri, porque se considera vitorioso. E sua gargalhada é como uma bofetada no rosto de Cristo.

Às vezes, ele brinca conosco, como o gato com o rato. Deixa-nos sair um pouco, deixa-nos pensar que estamos livres, para depois atacar com força e ferir, machucar e humilhar. Por quê? Por que tem que ser assim?

Do outro lado da rua, lá na montanha solitária, foi pendurado um Deus-homem não só para dar perdão, mas também para dar poder. Quando Ele morreu, o

inimigo pensou que tinha vencido, mas, ao terceiro dia, ressurgiu das entranhas da terra um Cristo vitorioso. Ressuscitou. Hoje vive. Vive para dar poder. Olhe para a tumba vazia. Olhe para o Céu e veja o gigante da História disposto a vencer em seu favor. Cristo venceu! Venceu Seu inimigo no deserto. Venceu-o na cruz. Venceu-o na morte. Só resta vencer em nosso coração. Aí a decisão é nossa. Ele não pode vencer em nosso coração se não permitirmos.

Nosso inimigo é um inimigo vencido. Está lutando desesperadamente, “como leão buscando a quem devorar sabendo que tem pouco tempo”, porque ele reconhece que está vencido.

Conta uma lenda antiga que um guerreiro estava lutando na batalha, com a cabeça decepada. Estava tão envolvido na luta que, mesmo sem cabeça, estava matando muita gente. Até que alguém olhou para ele e disse: “Você está sem cabeça. Você está morto.” Só então o guerreiro caiu e parou de lutar.

É isso aí, meu amigo. Estamos lutando contra um inimigo sem cabeça. Cristo já o venceu. Vencerá também em seu coração? Você nunca está sozinho.

“Satanás não pode suportar que se apele para seu poderoso Rival, pois ele teme e treme diante de Sua [de Cristo] força e majestade. Ao som de fervorosa oração, treme toda a hoste de Satanás. [...] E quando anjos todo-poderosos, revestidos da armadura do Céu, vêm em auxílio da desfalecida e perseguida alma, Satanás e sua hoste retiram-se, pois bem sabem que está perdida a sua batalha”

(*Mensagens aos Jovens*, p. 53).

“Clama ao Senhor, alma tentada! Lança-te, desamparada, indigna, sobre Jesus, e reclama-Lhe a promessa. O Senhor ouvirá. Ele sabe quão fortes são as inclinações do coração natural, e ajudará em cada ocasião de tentação” (ibid., p. 67).

Cristo pode lhe dar a vitória hoje e sempre.



É possível ser perfeito?

Conheci Ricardo em Vitória, ES, enquanto dirigia uma semana de oração. Ele me procurou no hotel uma noite, depois de eu ter pregado o tema da luta das naturezas.

– Pastor – disse –, acho que Deus é de certa maneira injusto ao pedir de nós perfeição. Ele sabe que nascemos com natureza pecaminosa e que isso nos leva constantemente a errar. Já fiz tantas coisas erradas na vida! Não há maneira de eu ser perfeito.

Para entender esse assunto de perfeição é preciso analisar a vida de alguns homens que Deus considerou perfeitos.

De Enoque, por exemplo, a Bíblia diz: “Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para Si” (Gênesis 5:24). Se Deus decide levar alguém para o Céu, deve ser porque esse alguém é perfeito, não acha? Mas qual foi o motivo por que Deus levou Enoque consigo? A Bíblia responde: “Ele andou com Deus.”

Analisemos o caso de Noé. As Escrituras afirmam que “Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos” (Gênesis 6:9). Não seria maravilhoso se um dia Deus dissesse de você: “Este é um rapaz justo e íntegro”? Ou: “Esta é uma jovem íntegra”? Não é isso que você gostaria de ser? Mas por que Noé foi considerado um homem justo e íntegro? A Bíblia responde: “Noé andava com Deus.”

Lembra-se de Abraão? Ele é chamado “o pai da fé”. Você sabia que um dia Deus Se apresentou a ele e disse-lhe: “Eu sou o Deus Todo-poderoso; anda na

Minha presença e sê perfeito” (Gênesis 17:1)? Percebeu? Tudo que Deus esperava de Abraão era que andasse com Ele. O resultado disso seria uma vida de perfeição.

O que dizer de Davi? A Bíblia afirma que Davi foi um “homem conforme o coração de Deus”. Ah, se um dia Ele pudesse dizer isso de nós! O que mais poderíamos esperar? Mas por que foi que Davi tornou-se “o homem conforme o coração de Deus”? Qual era a maior obsessão da vida de Davi? “Andarei na presença do Senhor, na terra dos viventes” (Salmo 116:9).

Você percebeu que existe uma frase que é o denominador comum na vida de todos os homens mencionados? “Andou com Deus.” Todos eles foram perfeitos porque andaram com Deus. Existia um relacionamento maravilhoso de amor entre Deus e eles. Em sua experiência, tinham chegado ao ponto de não poderem viver separados de Deus. Por isso, Deus os considerou perfeitos, santos, justos, íntegros e retos.

O interessante é que há sempre alguma coisa curiosa na vida de todos eles. Noé um dia ficou embriagado a tal ponto que tirou a roupa e ficou nu, dando um vexame para toda sua família. Você já fez isso alguma vez? Noé fez, e Deus diz que ele “era justo e íntegro entre seus contemporâneos”.

Abraão um dia foi tão covarde que teve medo de dizer que Sara era sua mulher e, afirmando que era sua irmã, quase levou Faraó ao adultério. Os resultados teriam sido terríveis se Deus naquela noite não interviesse milagrosamente. Atitude covarde a de Abraão. Mas você sabe o que Deus diz dele? “Abraão era perfeito.” O apóstolo Paulo até o chama de “o pai da fé”.

E o que dizer de Davi? Caiu fundo no pecado. Mergulhou nas águas turvas do assassinio, da intriga e do adultério. Você já fez alguma vez o que Davi fez? Nunca? Davi fez, e sabe o que a Bíblia diz dele? Que Davi era um homem “conforme o coração de Deus”.

Há alguma coisa maravilhosa que Deus está querendo nos dizer através da experiência de todos esses homens. Algo grandioso, que revolucionará nossa vida e nos mostrará um horizonte infinito de esperança.

Para os seres humanos, uma pessoa é perfeita, santa, justa, íntegra, quando nunca comete um erro, quando faz tudo certinho, quando cumpre todas as normas, leis e regulamentos.

Para Deus, uma pessoa é perfeita quando se dispõe a andar com Ele. Quando faz de Cristo o mais importante da vida. Quando compreende tudo o que Cristo fez na cruz por ele e clama por um novo coração capaz de amar; quando sente

dor por todo o sofrimento que causou a Cristo com seus erros passados, e ao olhar para a cruz se apaixona por Cristo ao ponto de dizer: “Ó Senhor Jesus, eu Te amo. Eu Te amo tanto que sem Ti a vida não tem sentido. Ajuda-me a andar contigo!”

Nesse instante, o maravilhoso Deus de amor derrama lágrimas de alegria e segura a fraca mão do homem com Sua mão poderosa. E, no instante desse toque, nosso passado fica apagado para sempre, não importa se fomos bêbados ou covardes, adúlteros ou assassinos, tudo fica enterrado. Porque nesse momento passamos a ocupar o lugar de Cristo. Ele nos oferece Seus méritos, Sua vida vitoriosa, Seu caráter perfeito, e ao mesmo tempo toma sobre Si os nossos pecados e sofre a punição que merecemos por causa deles.

A partir desse momento, começa a mais extraordinária e bela das experiências: a experiência maravilhosa de andar com Cristo.

Naturalmente, o amor é básico nesta experiência, porque não se pode conviver e ser feliz com uma pessoa a quem não se ama.

A nossa tragédia às vezes consiste em que nós avaliamos a perfeição de acordo com nossa capacidade de obedecer aos princípios de uma igreja ou às normas de um livro. Deus avalia a nossa perfeição em razão do tipo de relacionamento que temos com Ele.

Ao iniciarmos a nossa caminhada com Cristo, descobriremos imediatamente que existem muitas coisas de que Cristo gosta e nós não gostamos. Existem também coisas das quais Cristo não gosta e nós gostamos. O que fazer numa circunstância semelhante? Estamos frente a um impasse. O que fazer? Aqui, novamente, entra o amor como solução para o problema.

Quando garoto, eu não gostava de mamão. Era uma fruta que não apresentava nenhum atrativo para mim. Um dia até experimentei um pedaço, mas não gostei. Acontece que um dia conheci uma garota extraordinária que hoje é minha esposa. Comecei a gostar dela e, depois de um tempo de namoro, nos casamos. Nunca esquecerei o primeiro café da manhã que ela preparou em casa. Ao sair do quarto, achei a mesa toda decorada com um arranjo especial e, no centro da mesa, um enorme mamão. Do lado da mesa estava ela com um brilho de expectativa nos olhos como se perguntasse para si própria: “Será que ele vai gostar?” Ocupamos nossos lugares em torno mesa e, depois de pedir a bênção, ela partiu o mamão e colocou a metade para mim. Olhei para a fruta. Para ela. Outra vez para a fruta. Tive vontade de dizer: “Obrigado, não gosto de mamão”, mas não consegui. Eu a amava. Não tinha coragem desapontá-la. Peguei a fruta e

praticamente a engoli.

No dia seguinte, ao sair do quarto, fiquei paralisado. Lá no centro da mesa havia novamente um mamão. Olhei para minha esposa e afirmei: – Parece que você gosta muito de mamão. – E ela, com a maior naturalidade do mundo, respondeu: – Para mim praticamente não existe café da manhã sem mamão, querido.

Em fração de segundos imaginei minha vida toda engolindo mamão. Mas, ao olhar para o rosto de minha esposa e ver um sorriso de satisfação, senti uma alegria íntima no coração. Eu amava minha esposa. O que podia significar o fato de comer mamão, comparado com a alegria de vê-la feliz?

Entende o que estou querendo dizer? O dia que nos apaixonamos por Cristo, o dia que chegamos a amá-Lo com todo nosso coração, a coisa que mais quereremos será vê-Lo sorrir. Sem dúvida, haverá coisas que O deixarão feliz e que nós, com a nossa natureza pecaminosa, não gostamos de fazer. Não acredito que perder o gosto por coisas que estávamos acostumados a fazer ou aprender a fazer coisas que não gostávamos de realizar seja fácil. Haverá um preço que teremos de pagar e planos que teremos de esquecer. Muitas vezes isso exigirá esforço, sacrifício e sofrimento, mas tudo isso terá sentido se o fizermos por amor à pessoa de Jesus.

O profeta Miqueias explicou um dia a maneira certa de andar com Deus: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Miqueias 6:8).

Você percebe que a questão não é simplesmente andar com Deus. O importante é andar “humildemente” com Ele. É Ele quem dirige. É Ele quem mostra o caminho. É Ele quem diz como as coisas serão melhores para ambos. Eu O amo e aceito Seu conselho porque Ele sabe o que é bom para mim. Não sou eu quem dirige a caminhada, não sou eu quem deve levar Deus por onde acho que devo ir. Apenas seguro Sua mão e vou. Ele é meu Pai, meu amigo, meu irmão; Ele é meu princípio, meu fim, meu tudo. Eu apenas me abandono em Seus braços de amor e vou. Vou por onde Ele quer e faço o que Ele disser. Afinal de contas, Ele conhece o caminho e o que mais quer é que eu seja feliz.

Tudo isso tem sentido, somente quando existe amor. A vida toda é motivada pelo amor de Cristo. Se não existir um relacionamento de amor entre Cristo e nós, a vida se torna vazia, oca. O cristianismo vira um fardo, uma pesada carga de proibições e deveres. Podemos carregá-lo um ou dois ou vinte anos, mas um

dia chegamos ao limite e o largamos, ou então nos tornamos zumbis, homens sem vida, máquinas que carregam o fardo, que cumprem, que obedecem, porém apenas máquinas, sem alegria, sem entusiasmo, incapazes de saber o que é felicidade.

Por aí, um dia, numa roda de amigos, alguém nos pergunta: “Por que você não bebe?” E quase com vergonha respondemos: “Porque minha religião me proíbe, é norma de minha igreja.” A vida toda, às vezes, é levada desse jeito. É a religião, é a igreja o que importa. E Cristo? Onde fica Cristo nisso tudo? O que será que Ele está sentindo? Importa-nos se Ele está sorrindo ou está chorando? Você já pensou nEle como uma pessoa que ama, que sorri, que pode ficar magoado, e que até chora?

Vamos analisar o caso de uma jovem que vai comprar uma peça de roupa, por exemplo. Ela percorre as lojas, olha a vitrines, até que acha uma roupa que seja adequada ao seu orçamento. Como faz ela para comprar essa roupa? Experimenta, olha no espelho, observa se fica bem nela, se combina com sua cor, com seu corpo, e, finalmente, paga e leva para casa. Podemos dizer que isso é andar com Deus?

Numa ocasião saí com minha esposa para comprar sapatos. Depois de observar vários pares, chegou um momento de indecisão para ela. Havia dois pares de que ela gostava. Experimentou um e outro. De repente, olhou para mim e perguntou:

– De qual você gosta?

– Olha – respondi –, não importa muito de qual eu gosto. Quem vai usar o sapato é você, leve o que você achar que é melhor.

– Não – continuou ela –, eu quero que você escolha para mim.

– Por quê?

– Porque eu gosto de você e me sentirei feliz usando os sapatos que você escolher para mim.

Aquilo me emocionou tanto que acabamos levando os dois pares.

É justamente isso que tem de acontecer em nosso relacionamento com Cristo. Ele tem que ser tão amado e tão real para nós que cheguemos ao ponto de, antes de comprar uma roupa, olhar para Ele e perguntar: “Tu gostas? Ó Senhor Jesus, eu Te amo tanto que serei feliz usando a roupa que Tu escolheres para mim.”

Andar com Deus é tê-Lo presente em nosso dia a dia. Consultá-Lo antes de tomar uma decisão, antes de iniciar um namoro, antes de colocar algum adorno no rosto, antes de entrar em algum lugar, antes de sair para algum programa.

Você vê? Nossa vida não se limita a uma igreja. Não é uma religião que

determina os nossos atos. Fazemos ou deixamos de fazer, comemos ou deixamos de comer, vestimos ou deixamos de vestir por amor a Cristo. Se vemos um sorriso em Seu rosto, vamos em frente. Se, pelo contrário, percebemos um ar de tristeza em Seu olhar, ou duas lágrimas rolando por Sua face, é hora de parar, não porque a igreja o proíbe, mas porque O amamos e não temos coragem de vê-Lo sofrer.

Agora voltemos ao título deste capítulo. É possível ser perfeito? Se você acha que ser perfeito significa nunca cometer um erro, não, não é possível. Mas graças a Deus que o conceito bíblico de perfeição é diferente. Para Deus, ser perfeito é “andar com Ele”, como Enoque, como Noé, como Abraão, como Davi.

Você já viu um pai levando o seu garoto de quatro anos pela mão? Os passos do pai são compridos, e a criança não consegue manter o ritmo do pai, mas ela segura o braço poderoso e vai em frente. Pode de repente tropeçar, pode talvez escorregar, mas, enquanto sua mãozinha segurar o braço do pai, ela não cai. Qual é o segredo para não ficar jogado no chão? O braço do Pai. Ele é o seu sustento e a única garantia de que um dia chegará lá, apesar de possíveis escorregões ou tropeços.

Foi por isso que Enoque, Noé, Abraão e Davi foram perfeitos. O primeiro segurou o braço do Pai, andou com Ele e não temos notícias de que tenha caído alguma vez. Os três últimos andaram com Deus, escorregaram, tropeçaram, mas seguraram o braço do Pai e não ficaram caídos; continuaram a caminhada. E Deus os considerou tão perfeitos quanto Enoque.

Você errou alguma vez em sua vida? Não precisa viver atormentado por isso. Olhe para a cruz de Cristo. Ele já pagou pelo erro que você cometeu. Ele o perdoa e aceita. Você está ferido? A queda foi tão grande que não restam mais forças para estender a mão pedindo ajuda? Não se preocupe. Apenas olhe. Olhe lá na montanha um Deus de amor morrendo lentamente. Por que você acha que Ele sofreu tanto? Foi por amor a você. Foi porque você vale muito para Ele.

“Pastor”, você dirá, “não é verdade. Ele não pode me perdoar. O Senhor fala isso porque não me conhece.” Você tem razão. Eu não conheço você, mas conheço o amor de Cristo. Um dia experimentei a revolta, o vazio e o desespero da alma e Ele me amou, me perdoou e me aceitou. Por isso, posso lhe dizer: Olhe para Cristo, aquele “que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da Sua glória” (Judas 24).



Amigos gostam de conversar

“**A** final de contas”, terminava a carta, “parece mesmo que meu caso não tem solução. Sei que a oração me ajudaria a resolver o problema, mas não tenho vontade de orar. O pior de tudo é que, quando oro, acabo tudo o que tinha para dizer em dois minutos. Dá a impressão de que minha oração não passa do teto.”

Já sentiu algo parecido alguma vez? A verdade é que, em todos estes anos trabalhando com jovens, descobri que o problema do jovem não é o fato de não saber que precisa orar. Todo mundo sabe que é necessário orar e que a oração é o alimento da nova natureza. Todo mundo sabe que o poder vem através da oração. A angústia do jovem está expressa na carta que registramos acima: “Pastor, não tenho vontade de orar. Sei que tenho que orar, mas não consigo.” O que fazer?

É preciso entender, em primeiro lugar, em que consiste a oração. “Orar”, disse Ellen White, “é o ato de abrir o coração a Deus como a um amigo”. Segundo essa declaração, orar nada mais é do que conversar com um amigo. Amigos gostam de conversar. É o que eles mais fazem. Se alguém não tem vontade de conversar com seu amigo, não é porque ignore o fato de que amigos precisam conversar. O problema está no relacionamento com o amigo. Alguma coisa está errada. Alguma barreira foi criada. A amizade está abalada e a solução não consiste em ler livros ou ouvir sermões que mostrem o dever de conversar com um amigo. É preciso que lhe ensinem como resolver o problema com o amigo. Precisa de ajuda para que a amizade torne a ser como era antes. Uma vez que o

problema tenha sido resolvido, o diálogo com o amigo virá espontaneamente.

Em segundo lugar, é necessário saber que a base de uma conversação entre amigos deve estar na sinceridade. Num relacionamento de amigos verdadeiros não há lugar para fingimento ou hipocrisia. Descobrir que alguém é hipócrita com você dói. Mas descobrir que alguém que você ama muito está sendo hipócrita com você dói muito mais.

Cristo nos ama e o que Ele espera em nosso relacionamento é, acima de tudo, sinceridade. É isso que Ele disse no Sermão do Monte. “Quando orarem, não sejam como os fingidos [...], não fiquem recitando sempre a mesma oração” (Mateus 6:5, 7, MIEA).

A palavra grega traduzida como “recitar” é *batologeō* e é usada geralmente para expressar o que faz o papagaio ou o bêbado, ou seja, falar por falar, falar sem pensar no que se está dizendo, falar pelo mero fato de falar.

O que o Senhor Jesus está querendo nos dizer é que, quando conversamos com Ele, temos que fazê-lo na base da sinceridade, sentindo realmente o que estamos falando. Ele está pedindo que a nossa oração saia do coração, e não simplesmente da boca.

Quando o menor dos meus filhos tinha cinco anos, não gostava de comer verduras. Chamava de “planta” a tudo que era da cor verde. Dizia: “Não gosto de planta.” Um dia, na hora do almoço, a mesa estava cheia de coisas verdes. Imediatamente o sorriso desapareceu do rosto. Pedimos-lhe que fizesse a oração e ele orou assim: “Pai, estou chateado. Só tem planta para comer.”

Sabe como ele teria orado se fosse grande? Teria agradecido a “gostosa refeição que está à mesa”.

Aí está o nosso problema. Não somos sinceros. Falamos sempre a mesma coisa, porque estamos acostumados a falar assim. Quando levantamos pela manhã, agradecemos a Deus a “boa noite de repouso”. Podemos ter virado na cama a noite toda ou podemos ter acordado com dor nas costas, mas agradecemos a “boa noite de repouso”.

Temos quase de cor uma oração para as manhãs e outra para as noites. Sempre o mesmo assunto. Podemos estar sem a mínima vontade de orar, mas nos ajoelhamos por disciplina e repetimos a oração costumeira, que geralmente não dura mais de dois minutos. E, ao deitarmos, experimentamos a estranha sensação de que a nossa oração não passou do teto.

Por que não encarar a oração como a maravilhosa experiência de conversar com Jesus Cristo, em lugar de considerá-la o nosso dever de cada dia?

Você tem amigos? O que fala com eles? Fala sempre a mesma coisa ou muda o assunto do diálogo cada dia? Já pensou na possibilidade de bater um “papo à toa” com Cristo? Conversar com Ele simplesmente pelo prazer de conversar? Orar sem pedir nada, apenas para contar coisas, contar segredos, abrir o coração e relatar para Ele tudo o que fez durante o dia, mesmo que pareçam coisas sem importância?

O dia em que descobrirmos a alegria de falar assim com Deus, teremos descoberto o segredo de uma vida poderosa. Isso é andar com Deus.

“Mas, pastor”, você dirá, “eu não sinto vontade de conversar com Deus.” Então conte isso para Ele. Fale que não tem vontade de orar, pergunte-Lhe por que está acontecendo isso, por que é que, mesmo sabendo que deve orar, você não tem vontade de fazê-lo. Vai acontecer um milagre, tenha certeza. De repente, sem querer, você vai se descobrir conversando com Deus, não um minuto nem cinco, mas vinte ou trinta. E, o mais importante, aquela sensação de que sua oração não passava do teto vai desaparecer, e em seu lugar vai experimentar a delícia de conversar com Jesus Cristo como se conversasse com um amigo.

Outra coisa que seria bom lembrar é que não devemos programar Deus unicamente para assuntos espirituais. Temos que permitir que Ele participe de nossa vida diária, de nosso namoro, de nosso trabalho, dos deveres para casa que recebemos na escola, daquilo que vai dentro do coração e não teríamos coragem de contar para ninguém.

Às vezes cometemos algo errado durante o dia e, ao chegar a noite, repetimos o de sempre: “Deus, perdoa meus pecados.” Quanto tempo é necessário para repetir essa frase? Mas como seria se, em lugar de dizer simplesmente “perdoa meus pecados”, contássemos para Ele o que foi que aconteceu? Detalhes, entende? Por que não contar a luta que travamos antes de ceder à tentação, como nos sentimos depois, que lições podemos ter tirado de tudo, que aspecto de nossa vida precisamos que Ele restaure, enfim, tanta coisa? Utilizemos o tempo que seja necessário. Não precisamos ter pressa, porque não estamos cumprindo um “penoso dever”, estamos apenas conversando com o mais compassivo e maravilhoso amigo que um ser humano pode ter.

À medida que o tempo passar e a amizade com Cristo for se aprofundando, o nosso período de oração com certeza se tornará mais prazenteiro e prolongado.

A nossa confiança nEle será cada vez maior, a ponto de termos tal experiência particular com Ele que, possivelmente, as outras pessoas não consigam compreender.

Conhece você a história de Gideão? Era um homem de oração. Conhecia seu amigo e dialogava com Ele. Um dia, achou-se numa situação conflitante, um momento que exigia uma decisão. E ele não sabia que atitude tomar. Saiu ao campo e conversou com seu amigo. Ele nunca tinha falhado e não falharia agora. “Senhor”, disse Gideão, “preciso de um sinal. Vou deixar este pedaço de lã na eira; se o orvalho estiver somente na lã e toda terra ficar seca, então saberei que Tu queres que eu vá” (Juízes 6:37-40, MIEA).

E Deus, o Amigo, atendeu o pedido.

Mas Gideão ainda não estava convencido. Experimentou a Deus mais uma vez: “Ó Deus, gostaria que amanhã fosse tudo ao contrário, a lã seca e o chão molhado.” E assim foi.

Podemos pensar que Gideão estava brincando com Deus, mas não estava. Gideão tinha uma relação pessoal com Deus. Eram amigos. Nessa ocasião, Gideão era apenas um ser humano assustado, indeciso. Precisava de um sinal porque não queria errar na decisão que iria tomar. Pediu o sinal e o Amigo maravilhoso respondeu.

“Pastor”, você dirá, “isso não acontece mais nos dias de hoje, isso é história bíblica.”

Por que precisa ser assim? Nosso Deus não mudou de lá para cá. Continua sendo o mesmo, continua querendo ter um relacionamento de amigo para amigo com cada ser humano. É só aprender a conversar e conviver com Ele. É só amá-Lo e abandonar-se em Seus braços.

Em meus tempos de estudante, ouvi uma história interessante que nunca consegui esquecer. É a história de um rapaz cujo maior sonho era ser missionário na África. Faltavam cinco dias para a formatura, quando o diretor do seminário anunciou que a Associação Geral estava precisando de dois jovens que quisessem ser missionários na África. O rapaz não sabia se estava dormindo ou se estava acordado, porque aquele era seu maior sonho. Correu para pedir informações:

– Pastor, eu gostaria de ser um dos missionários na África. Ser missionário sempre foi meu maior sonho!

– Muito bem, filho – respondeu calmamente o diretor. – A Associação Geral está com as quatro passagens prontas.

– Quatro? – indagou o rapaz – Ouvi dizer que eram só dois missionários?

– São dois casais, meu filho. Não se pode enviar missionários solteiros para a África.

O jovem emudeceu. Ele não tinha noiva ou namorada, nem ninguém em perspectiva, e o plano da Associação Geral era que os missionários deviam viajar logo após a formatura.

– Não tem jeito de fazer uma exceção? – perguntou o rapaz. – É impossível arranjar alguém para casar em tão pouco tempo.

– Não, meu filho. É melhor você começar a procurar uma esposa se quiser realizar seu sonho de ser missionário.

Passaram três dias e nosso amigo esgotou todos os argumentos para viajar solteiro. Quando percebeu que não conseguiria, foi para o seu quarto e orou. Ele e Jesus eram amigos. Costumavam conversar. E, nesse momento decisivo de sua vida, o Amigo não falharia, com certeza.

“Senhor Jesus”, orou, “Tu sabes que em toda minha vida eu quis ser missionário na África. Aqui está, Senhor, a grande oportunidade, mas vejo que será impossível viajar solteiro. Preciso me casar. Se fizer a escolha levado pela pressa, é possível que erre. Por isso, vou pedir algo diferente, Senhor, mas farei este pedido confiando em nossa amizade, no Teu amor maravilhoso e na certeza de que Tu nunca falhas. Quando o sino bater, chamando para o almoço, correrei para o refeitório, pegarei minha bandeja e sentarei na mesa mais afastada. A primeira garota que sentar à minha mesa, eu saberei que Tu a estás enviando para ser minha esposa. Casarei com ela e viajaremos para a África.”

O sino tocou. Ele correu para o refeitório, acomodou-se na mesa mais afastada e orou em seu coração: “Senhor, agora é a Tua vez, envia para mim a garota certa.”

Os alunos foram entrando. Um a um, rapazes e moças foram sentando em torno das mesas. De repente, uma garota pegou sua bandeja. Olhou para todo lado. Olhou para a mesa do rapaz e, com passo firme, começou a se dirigir para lá. Nosso amigo abaixou a cabeça e começou a orar: “Senhor, por favor, envia qualquer garota, menos aquela ali.” Não tinha acabado de falar quando a moça pediu licença e sentou. Depois chegaram mais alunos.

Aquele foi o pior almoço na vida daquele rapaz. Não podia entender o que estava acontecendo. Conhecia aquela garota. Sempre a achara convencida, orgulhosa demais e, nos quatro anos que ambos estudaram no colégio, não tinham trocado mais do que cinco palavras.

Na saída do refeitório, ele a abordou.

– Gostaria que me respondesse só uma pergunta. Você sabe que nós não nos simpatizamos um com o outro, não somos amigos e, nestes quatro anos, nunca

sentamos à mesma mesa. Por que hoje, precisamente hoje, você teve que vir à minha mesa?

A moça respondeu:

– Não sei, aconteceu algo estranho comigo. Estava me arrumando no quarto, esperando o sino bater para o almoço, quando senti dentro de mim uma sensação estranha, uma espécie de voz ou de convicção, algo como dizendo: “Vá ao refeitório, procure uma mesa onde está um rapaz sozinho e sente ali.” Eu não fiz caso, mas, enquanto me dirigia ao refeitório, a voz continuava dizendo: “o rapaz sozinho, o rapaz sozinho”. E, quando entrei no refeitório e peguei minha bandeja, a sensação estava ali. O único rapaz sozinho era você e fui lá.

Era inacreditável. A lã molhada e o chão seco. Você lembra?

O rapaz olhou bem nos olhos da moça e afirmou.

– A gente tem que casar logo após a formatura.

– Casar... ? – assustou-se a moça.

– Eu não tenho que casar com ninguém, muito menos com você, e muito menos ainda após a formatura.

Mas, depois que o rapaz contou a história toda, a moça teve a convicção de que Deus estava dirigindo sua vida e concordou docemente: “Então... a gente casa.”

Parece novela, não parece? Mas aqui está o segredo de uma vida poderosa: o tipo de relacionamento que temos com Cristo. A diferença é se Ele é uma teoria, um nome, uma doutrina, ou se é uma pessoa, um amigo, um irmão.

“Pastor”, você pergunta, “quer dizer que eu posso pedir sem medo um sinal de Deus?” Depende. Se Ele não deixou para você instruções precisas e definidas em Sua Palavra, se você está disposto a aceitar humildemente Seu conselho e se você é amigo de Jesus ao ponto de confiar assim nEle, pode.

Mas, outro dia, após ouvir um sermão sobre este assunto, uma moça me procurou e disse: “Pastor, estou casada com um rapaz que não é de minha fé, porque, quando o rapaz queria namorar comigo pedi a Deus um sinal, e Ele me respondeu positivamente.” Não, não é assim. Na Palavra de Deus está a indicação clara: “Não te unirás em jugo com os infiéis” (2 Coríntios 6:14, MIEA). Não precisa pedir mais sinais. Como você veria um homem querendo assaltar um banco e pedindo sinal a Deus para ver se assalta ou não? Na Bíblia está claro: “Não roubarás”. Não é preciso mais sinais do que essa clara advertência.

Orar, que privilégio do ser humano! Abrir o coração a Deus como a um amigo e desabafar, conversar, pedir conselho. Esse tipo de oração é o “alento da alma,

alimento da nova natureza”.

Conta-se que na guerra do Vietnã acharam nas mãos de um soldado morto um papel escrito nos momentos da agonia. Dizia mais ou menos assim: “Ó Deus, eu nunca falei contigo. Hoje, pela primeira vez, ao ouvir o barulho das armas, ao ver os cadáveres dos meus companheiros, ao sentir que daqui a pouco eu também morrerei, tenho vontade de falar. Pena que seja tarde demais!”

Será que, como aquele soldado, talvez tenhamos que dizer: “Ó Deus, eu nunca falei contigo, porque o que eu fazia não era orar, era simplesmente repetir uma oração sem sentido, costumeira e monótona, mas hoje eu quero falar de verdade, abrir-Te o coração e sentir que és meu amigo”?



Como alimentar a natureza de Cristo

Logo após Seu batismo, Cristo foi levado pelo Espírito ao deserto. Nas solitárias paragens, Jesus pronunciou palavras que permanecerão para sempre como a chave para uma vida poderosa e feliz: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.”

“Pastor”, você deve estar pensando, “já sei, o senhor vai falar do estudo da Bíblia. Eu sei que devo estudá-la, mas não tenho vontade, não sinto gosto na sua leitura.”

Em primeiro lugar, meu amigo, não encare a leitura da Bíblia como um dever. Olhe para a Palavra de Deus como uma carta de amor. O que faz um jovem quando recebe uma carta da namorada? Pensa: “Oh, que chato, não tenho vontade de ler esta carta, estou cansado, mas vou dar uma olhada nela por disciplina”? Não, claro que não. Dá-se o contrário. Ele a recebe com expectativa, abre-a depressa e devora com ansiedade cada uma das palavras. E o que mais? Joga-a fora? Não. Guarda-a no bolso. Dois minutos depois tira a carta, torna a lê-la e a guarda novamente. Não espera passar cinco minutos, procura-a de novo e a lê com a mesma ansiedade da primeira vez. Uma, outra e mil vezes. De repente, já não precisa ler, decorou-a completamente, com pontos e vírgulas. Mas, mesmo assim, continua lendo-a.

Onde está o segredo? Por que tanta ansiedade para ler a carta? Por que não se cansa de fazê-lo? A palavra-chave é AMOR. O jovem ama a pessoa que escreveu a carta.

A Bíblia, meu caro jovem, não é um código de normas e proibições. Não é um compêndio de histórias de um povo errante. Ela não é um volume de medidas, nomes e cores. Não é um livro de animais estranhos e simbolismos proféticos. A Bíblia é a mais linda carta de amor já escrita. É a história de um amor louco e incompreendido. É a história de um amor que não se cansa de esperar. É uma declaração de amor escrita com a tinta vermelha do sangue do Cordeiro. Desde o Gênesis até o Apocalipse, há um fio vermelho atravessando cada uma de suas páginas. É o sangue do Cordeiro gritando desde o Calvário: “Filho, Eu amo você. Você é a coisa mais linda que Eu tenho.”

Na Bíblia você pode achar também a história da vida de outros homens semelhantes a você. Homens que experimentaram conflitos e tentações. Homens que às vezes caíram e escorregaram. Homens e mulheres que lutaram contra seu temperamento, complexos e paixões, mas que venceram pelo sangue do Cordeiro. Através dessas histórias, Deus estará dizendo a você: “Filho, você também conseguirá. Não desanime! Olhe para a frente e continue!”

Mas, como em tudo, na vida cristã também o grande inimigo é o formalismo. A leitura mecânica da Bíblia não tem muito valor como alimento da nova natureza. A leitura da Bíblia tem que ser um momento de companheirismo e diálogo com o seu Autor. Você lê um versículo e medita nele. Trata de aplicar a mensagem desse verso à sua vida. Pergunta a você mesmo: “O que este verso está querendo falar para mim?” Depois disso, você responde. Fale para Deus o que você acha de tudo isso. Conte-Lhe como está indo sua vida em relação à mensagem que você acaba de ler. Não tenha pressa. Trate de “saborear” cada minuto de seu diálogo com Jesus. Não veja isso como um dever ou como uma carga pesada para carregar, mas como o encontro com as maravilhosas promessas de Deus para você.¹

Outra ideia interessante para aprender a gostar do estudo da Bíblia é ler a Sagrada Escritura na primeira pessoa do singular. Cada vez que você achar a palavra nós ou o verbo na terceira pessoa do plural, substitua-a por você mesmo. Coloque sua vida nas páginas da Bíblia. Faça de conta que Deus está falando a você em particular, não para a humanidade em geral. Por exemplo, no verso de Romanos 8:31, que diz: “Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?”, você pode ler: “Que direi pois, se Tu, ó querido Pai, és comigo, quem será contra mim?” Aí pode contar a Deus que coisas ou quem você acha que está contra você, pode falar de seus temores, de suas

dúvidas, de suas incertezas e terminar dizendo que, apesar disso tudo, acredita que, se Deus está com você, nada poderá amedrontá-lo.

Com essas ideias em mente, quero partilhar com você algumas sugestões práticas que o pastor Tercio Sarli apresenta para um período diário de meditação, oração e estudo da Palavra de Deus:

1. *Escolha uma hora.* Assim como você tem uma determinada hora, cada dia, para suas refeições, escolha uma hora para estar a sós com Deus, para meditar, orar e ler as Escrituras. Você sabe que em cada dia de 24 horas você tem à sua disposição 96 períodos de 15 minutos? Por que então não reservar dois ou três desses períodos para a comunhão com Deus diariamente?

2. *Escolha um lugar.* O lugar para sua hora de comunhão deve ser silencioso, e onde outras pessoas não tirem sua concentração e atenção. Pode ser em uma sala, no quarto, no escritório, ou em meio à natureza, debaixo de uma árvore, à margem de um rio, como frequentemente fazia Jesus. O importante é que o lugar seja o mesmo, de preferência, cada dia, e que você se sinta confortável.

3. *Procure se aquietar.* Esqueça, nessa hora, suas preocupações, e gaste os primeiros minutos em pleno silêncio, preparando assim o coração para a comunhão com Deus. Se, ao correr da hora de comunhão, vier à mente algo importante de seu trabalho, anote-o numa folha de papel, e isso deixará de molestá-lo.

4. *Tenha em vista o objetivo dessa hora.* Você está ali para meditar, para falar com Deus, para ouvir Sua voz, para orar. Não permita que qualquer outra coisa o desvie desse plano. Não use esse tempo para preparar a lição da Escola Sabatina, ou para decorar alguma parte para o programa JA, ou coisa semelhante. Essa é a hora dedicada à comunhão com Deus, sem nenhum outro compromisso.

5. *Comece com uma invocação.* Fale com Deus com toda naturalidade. Convide-O a estar com você naquela hora, e peça-Lhe que o abençoe nos momentos de meditação, leitura da Bíblia e oração.

6. *Use a Bíblia.* Escolha uma porção da Palavra de Deus e a leia calmamente, meditando em cada frase, em cada ponto ali exposto, e procure ouvir a voz de Deus através dessa leitura. O Espírito Santo poderá lhe revelar maravilhosas verdades para sua vida cristã. Se preferir, pode começar pelos Evangelhos, lendo um tópico cada dia. Você ficará surpreso com quantas novas gemas preciosas descobrirá ali. Tenha com você um caderno para anotar suas novas descobertas do livro sagrado.

7. *Outros livros devocionais.* Além da Bíblia, você poderá ler outros bons

livros para meditação, como *Caminho a Cristo*, *O Desejado de Todas as Nações*, *Parábolas de Jesus*, *O Maior Discurso de Cristo* e tantos outros. O importante não é ler muito, mas ler e meditar numa porção suficiente para sua alimentação espiritual. Meditar é digerir, calmamente, o que se lê.

8. *Momentos de oração.* Agora você está preparado para falar mais demoradamente com Deus, como a um amigo. Conte-Lhe tudo o que desejar. Apresente-Lhe suas preocupações. Diz Ellen G. White: “Exponde continuamente ao Senhor vossas necessidades, alegrias, pesares, cuidados e temores. Não O podeis sobrecarregar; não O podeis fatigar. [...] Seu coração amorável se comove ante as nossas tristezas, ante a nossa expressão delas. Levai-Lhe tudo quanto vos causa perplexidade. Coisa alguma é demasiado grande para Ele, pois sustém os mundos e rege o Universo. Nada do que de algum modo se relaciona com a nossa paz é tão insignificante que o não observe” (*Caminho a Cristo*, p. 100). Ore o tempo que desejar e que Deus o inspirar a fazê-lo.

9. *Quanto tempo gastar na comunhão?* Não se pode prescrever um tempo igual para todos. Alguns iniciam com 15 minutos diários e, depois, vão aumentando à medida que cresce sua capacidade de meditação e comunhão. A alegria dessa hora é progressiva. Diz Ellen G. White que faríamos bem em passar uma hora, cada dia, meditando sobre a vida de Jesus e Seus ensinamentos (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 72).

Agora é só começar e perseverar. Não desanime se um dia ou outro surgir qualquer empecilho. Recomece e procure tornar cada vez mais regular sua hora de comunhão. Como resultado, você usufruirá mais e mais da alegria da salvação, e terá prazer em testemunhar aos outros de sua fé e de sua felicidade, porque “o coração que mais plenamente descansa em Cristo será o mais zeloso e ativo no labor por Ele” (*Caminho a Cristo*, p. 71).²

¹ Promessas para você:

Quando em aflição: Mt 11:28, 29; Sl 23:4; 121:1, 2; Jo 16:3.

Quando desamparado: Sl 27:10; 34:6-8; 37:25; 57:1; Is 12:2; 35:4; Jr 29:13.

Quando doente: Sl 23:5; 103:3; Jr 17:14; Is 54:7, 8; Rm 8:18; 2Co 12:9; Nm 6:24-26.

Quando sentir solidão: Sf 3:17; Is 25:4; Sl 34:8; 68:5; 145:18; Is 51:11; Jo 14:16-18; Gn 28:15.

Quando preocupado, ansioso: Mt 6:25-34; Sl 37:5; 42:11; 118:5; Lc 12:27-29; Fp 4:19.

Quando perder um ente querido: 1Ts 4:13-18; Mt 5:4; Jo 5:25-28; 1Co 15:51, 52; Ap 14:13; 21:4; Is 25:8, 9.

Quando desejar paz: Jo 14:27; Is 26:3, 4; 48:18; Fp 4:4-7; Sl 37:11; 119:165; Pv 3:1, 2; Rm 5:1; Ne 6:24-26.

Quando sentir tristeza: Jo 14:1-3; 15:11; Sl 42:11; 118:14; Rm 15:13; Fp 4:4; Is 35:10; 57:15.

Quando em perigo: Sl 16:8; 18:2; 23:4; 27:3; 34:7; 91:1-16; Hb 13:6; Pv 18:10.

Quando sentir medo: Sl 4:8; 27:1, 3; 28:7; 121:1-8; Hb 13:6; Lc 12:7; Mt 8:26; Is 41:13; 43:1.

Quando em pecado: Sl 32:1; 103:3, 10-13; 1Jo 1:9; Rm 6:23; 8:1; Is 1:18; 44:22; Jo 3:16.

Quando perdido, sem rumo: Is 30:21; Js 1:9; Jr 6:16; Sl 32:8; 73:23, 24; Rm 8:14; Jo 16:13; Pv 4:18.

Quando desejar salvação: Jo 3:16; At 16:31; Hb 9:28; Ef 2:8; Rm 6:22, 23; Mt 1:21; Jo 6:40; Sl 62:1.

² Tercio Sarli, “A hora tranquila da comunhão: o que é e como realizá-la”, *Revista Adventista*, maio de 1987.

Seria possível ficar calado?

Amar é uma experiência maravilhosa. Você já amou alguma vez? Lembra o dia quando você declarou seu amor? As mãos suavam e a voz não saía. Você tremia todo por dentro. Mas criou coragem e falou. A moça olhou para você com um brilho especial e, finalmente, quando você pensava que ouviria o sonhado “sim”, ela com um jeitinho doce disse que precisaria de um tempo para pensar. Não foi?

Você nunca poderá esquecer aqueles dias de expectativa. Especialmente aquele em que ela deu a resposta. Você não sabia se estava sonhando ou estava acordado, teve vontade de sair correndo e gritando para todo o mundo: “Eu estou feliz porque ela me aceitou.” Ao chegar à casa, você pegou o telefone e começou a contar para os amigos: “Tenho uma notícia: ela me ama.” Pegou o computador e escreveu para os parentes: “Sabem de uma novidade? Estou amando.” Na rua, você não podia ficar calado, tinha que contar para todos que estava namorando. A felicidade que esse amor lhe proporcionava era tão grande que, se não contasse para outros, ele explodiria dentro de seu coração.

Mas o que acontece quando um rapaz começa a namorar uma moça sem sentir amor por ela? Teria a mesma vontade de contar para todo mundo que está namorando? Ou será que preferiria manter a namorada incógnita para que ninguém soubesse do seu relacionamento com ela?

É mais ou menos isso o que acontece em nossa amizade com Cristo. O dia que chegarmos a amar o Senhor Jesus com todo nosso coração, a coisa que mais

desejaremos será sair pelo mundo afora e contar a todas as pessoas que achamos o amor de nossa vida. Não é possível ficar calado. É necessário anunciar, testemunhar, dizer para outros das maravilhas da salvação.

Na Bíblia há duas experiências que não podem andar separadas: salvação e testemunho. A experiência da salvação nos leva necessariamente ao ato do testemunho. Não é possível uma pessoa estar realmente salva e ficar sem testemunhar. O gozo da salvação é tão grande que gera em nós a necessidade de contar para outros o que estamos sentindo.

Quando falamos de testemunhar, não estamos falando exclusivamente do fato de irmos de porta em porta distribuindo publicações ou de realizar uma série de conferências de 30 noites seguidas. Ambos são métodos de testemunho, mas existem muitas outras formas.

Falemos da mais simples de todas: a amizade. Todos temos amigos. No local de trabalho, na escola, na faculdade, no bairro. Uma coisa que o jovem gosta é de fazer novas amizades. Ele faz amigos até na rua, no ponto de ônibus ou na lanchonete. E a Bíblia ensina que a amizade é um veículo extraordinário de testemunho.

Vejam os casos de dois dos primeiros cristãos: André. André era um rapaz simples que tinha aceitado a mensagem do “Cordeiro” através de João Batista. André se apaixonou por Cristo. Aceitou-O como seu Senhor e Salvador e automaticamente se tornou uma testemunha. Não podia ser de outra forma. A primeira coisa que André fez foi procurar alguém para contar sua grande descoberta. Procurou Simão (João 1:40). Simão era irmão de André. Além de irmãos, eles eram pescadores e trabalhavam juntos. Isso revela um elemento importante na dinâmica do testemunho: é muito mais positivo e eficaz testemunhar para pessoas com as quais nos relacionamos em nossas atividades diárias. Com certeza, o testemunho de uma pessoa tornase muito mais poderoso para um amigo do que para um estranho.

Assim, querido jovem, você pode procurar um amigo no bairro, no local de trabalho ou na faculdade e, com a naturalidade própria do jovem, sem complicações e sem fingimento, contar para ele o que Cristo significa para você, o que Cristo trouxe à sua vida, de que maneira Ele o ajuda em seus afazeres cotidianos e como Ele colocou paz e equilíbrio em seu coração. Não se preocupe muito com métodos e teorias. Seja apenas um bom amigo e apresente para seu colega Cristo como seu grande amigo. Fale das coisas práticas, daquilo que você vive, de seu dia a dia, de como Jesus o auxilia e orienta em seus estudos, em seu

namoro e em suas atividades esportivas. Conte também para ele da experiência de outros jovens da igreja que você conhece. Jovens que não eram felizes, que viviam tristes, desesperados, às vezes prisioneiros de drogas e outros vícios. Conte como Jesus mudou a vida desses jovens e lhes proporcionou alegria e felicidade.

Convide seu amigo para a igreja. Procure-o em casa, e o acompanhe até as reuniões. Lá na igreja, apresente-o a seus outros amigos.

Em muitas igrejas existem os grupos de jovens chamados *koinonias*. Se você quiser saber detalhes de como funcionam as *koinonias*, procure o livrinho *Organizados Para a Missão Final*, do Dr. Mario Veloso, editado pela Casa Publicadora Brasileira em 1980. Esses grupos se reúnem uma vez por semana na casa de um de seus membros. Os jovens levam seus amigos, conversam, oram e estudam a Bíblia juntos.

Como você vê, querido jovem, tudo que precisa para testemunhar ou realizar trabalho missionário, como você queira chamar, é estar apaixonado por Cristo, ter o coração inflamado de um amor tão puro e tão maravilhoso que não é possível guardá-lo em segredo, é preciso contar, anunciar e testemunhar.

Nunca encare o trabalho missionário como um “bicho-papão”. Aceite-o como privilégio, como um modo de alimentar melhor a natureza de Cristo, porque toda vez que você conta para outros de seu amor por Cristo, esse amor se aprofunda mais e mais em seu coração. Toda vez que você apresentar as verdades bíblicas para seus amigos, essas verdades se tornarão mais reais em sua própria vida.

O trabalho de testemunho é um dos segredos para ajudá-lo a conservar a experiência de conversão. No livro *Obreiros Evangélicos*, Ellen G. White relata a história de um homem que, viajando num dia de inverno através de grandes montes de neve, ficou entorpecido pelo frio, o qual ia quase imperceptivelmente lhe congelando as forças vitais. Estava gelado, quase a morrer e prestes a abandonar a luta pela vida, quando ouviu os gemidos de um companheiro de viagem, também a perecer de frio. Despertou-lhe a compaixão, e decidiu salvá-lo. Friccionando os membros gelados do infeliz homem, conseguiu, depois de consideráveis esforços, pô-lo em pé. Como o coitado não se pudesse sustentar, conduziu-o compassivamente nos braços através dos montes que supôs nunca poder transpor sozinho.

Havendo conduzido o companheiro de viagem a lugar seguro, penetrou-lhe de súbito no espírito a verdade de que, salvando seu semelhante, salvou-se a si mesmo. Seus fervorosos esforços para ajudar a outro lhe estimularam o sangue

prestes a congelar nas veias, comunicando-lhe saudável calor aos membros.

Ela termina a história dizendo: “Essa lição de que em auxiliar os outros nós somos ajudados deve ser acentuada continuamente por preceito e exemplo perante nossos crentes jovens, a fim de que possam conseguir os melhores resultados em sua experiência cristã” (*Obreiros Evangélicos*, p. 199).

Li há alguns anos a história de um médico que achou na rua um cachorro, magro, cheio de chagas e com a perna quebrada. Sentindo compaixão pelo infeliz cão, o médico o levou para casa, curou suas feridas, enfaixou a perna quebrada e o alimentou bem. Algumas semanas depois, o cachorro estava completamente restabelecido, mas bastou um dia deixar a porta aberta para o cachorro desaparecer.

“Animal ingrato”, pensou o médico, “fiz tudo por ele e, em lugar de ficar comigo, me abandonou.”

No dia seguinte, bem cedo de manhã, o médico ouviu que alguém arranhava a porta. Saiu e se deparou com uma cena incrível. O cachorro estava de volta, e trazia com ele outro cachorro magro e com a perna quebrada. É isso o que acontece na vida do homem que encontra Jesus e se apaixona por Ele. Como ficar calado? Como guardar a beleza do evangelho só para nós? A felicidade é tão grande que o único caminho é sair e contar aos amigos o que Cristo fez por nós. Está você pronto a sair e testemunhar?



Mais do que amigos

Vimos num capítulo anterior que ser perfeito é “andar com Deus”. Ele nos considera justos e santos não porque nunca pecamos, mas à medida em que seguramos o braço poderoso de Cristo e caminhamos humildemente com Ele. Muitos, porém, poderão pensar: “Como é possível andar de mãos dadas com Jesus se Ele não está mais aqui? Se não podemos vê-Lo nem tocá-Lo?”

É verdade que hoje Cristo não está mais conosco. Ele está no santuário celeste intercedendo por nós. A intercessão e o julgamento são obras que precisam ser realizadas. Mas Ele quer ao mesmo tempo andar conosco aqui neste mundo. Ele quer segurar nossa mão e nos levar pelos caminhos da vida. Ele sabe que neste mundo a vida é muito difícil, que precisamos de um consolador, de um confortador, de alguém que nos sustente e nos dê poder para vencer. Como fazer? É aqui que se desenha no horizonte a pessoa maravilhosa do Espírito Santo. Ao aproximar-se a data de Sua morte, Cristo reuniu Seus discípulos e lhes disse: “Convém-vos que Eu vá, porque, se Eu não for, o Consolador não virá. [...] Quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade” (João 16:7, 13).

Você viu? O Espírito Santo é o representante de Cristo hoje. Ele vem nos consolar, nos sustentar e nos guiar. Andar com Deus, na realidade, significa andar com o Espírito Santo. Andar com Cristo cada dia num relacionamento de amor é nada mais do que permitir que o Espírito de Deus nos guie.

Já lhe ocorreu alguma vez pensar no Espírito Santo apenas como uma força,

uma espécie de vento ou uma coisa sem vida e sem corpo vagueando pelo ar? Era essa a impressão que eu tinha quando garoto. Minha mãe orava: “Ó Deus, enche-nos de Teu Espírito” e eu pensava que alguma bola de ar iria entrar dentro de mim. Demorei anos para entender que o Espírito Santo é uma pessoa. Ele é Deus. Como Deus o Pai e o Filho, Jesus Cristo. É uma pessoa que conhece, que tem vontade (1 Coríntios 2:11), que ama (Romanos 15:30), que fica triste (Efésios 4:30).

Quando Cristo subiu ao Céu, Ele enviou o Espírito Santo não simplesmente para andar conosco, mas para morar em nós. “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1 Coríntios 3:16).

Aqui está envolvido um relacionamento íntimo. Não pode existir separação entre o Espírito e nós. Ele não quer estar apenas ao nosso lado. Ele quer estar em nós, dentro de nós; nenhuma partícula de ar pode nos separar.

É aceitando a Sua presença em nosso coração que andaremos com Deus. É permitindo que Ele ocupe cada canto de nosso ser que caminharemos com Cristo. Porque o Espírito é o Seu representante. O Espírito é Cristo em nós.

Isso não é maravilhoso? Com Sua natureza de homem, o máximo que Cristo poderia fazer era viver ao nosso lado. Representado pelo Seu Espírito, Ele transcende a matéria e habita em nós.

O Espírito Santo, querido jovem, é a nossa mais urgente necessidade hoje. No dia em que Ele encher a nossa vida, no dia em que Lhe entregarmos as chaves do coração e Lhe permitirmos tomar posse de cada milímetro quadrado do nosso ser, nossa vida será transformada assim como a vida do deserto depois de uma torrente de chuva.

Vidas secas florescerão. Vidas fracassadas se tornarão vitoriosas. Vidas improdutivas produzirão. Corações tristes e desanimados terão o brilho da alegria e da esperança. Vícios serão vencidos, correntes de hábitos que submetem serão quebradas. A voz do Espírito é o grito da liberdade, é o canto da vitória, é o clarim de um amanhã glorioso.

Se formos sensíveis aos apelos constantes do Espírito Santo, não correremos risco de errar. “Quando te desviarest para a direita e quando te desviarest para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele” (Isaías 30:21).

O sucesso de nossa vida dependerá da nossa sensibilidade em prestar ouvidos a essa voz. Ela estará sempre nos falando ao coração: consolando-nos quando estamos tristes, confortando-nos quando estamos desalentados, encorajando-nos

quando estamos temerosos, esclarecendo-nos quando estamos em dúvida, aconselhando-nos quando estamos nos desviando do caminho.

É assim que se anda com Deus. É assim que se é perfeito, justo e bom. Ouvir a voz do Espírito de Deus, que nos fala a maioria das vezes através daquilo que chamamos de consciência, é segurar o braço poderoso de Cristo e andar com Ele.

Falemos agora de algo muito delicado: o pecado contra o Espírito. Você já ouviu falar dele? Em que consiste o pecado contra o Espírito Santo? Uma das doutrinas maravilhosas da Bíblia é a doutrina do perdão. Cristo morreu por nós, e com Sua morte pagou o preço dos nossos pecados. Se cairmos aos Seus pés e O reconhecermos como nosso Salvador, Ele apaga as nossas transgressões. Não importa o tipo de vida que tenhamos vivido no passado. Não importa quão baixo tenhamos caído no pecado. A Palavra de Deus diz que, “se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar” (1 João 1:9).

Mas há um pecado que, segundo a Bíblia, não tem perdão (Mateus 12:34). Em que consiste o pecado contra o Espírito Santo? Por que é que Deus não o perdoa? Como pode alguém saber se chegou a cometer esse terrível pecado?

Vamos ilustrar o assunto de forma bem prática. Luís é um jovem que nasceu na igreja. Ele é um membro ativo, participante e dedicado. Como todo jovem, Luís tem amigos na faculdade. Um dia, os amigos o convidam para uma festinha de aniversário num sábado à tarde. A primeira resposta de Luís é “não”. Mas os dias passam e os amigos insistem: “Não tem nada de mais. É apenas uma festa de aniversário.” O pior de tudo é que entre os amigos que insistem está uma moça de quem Luís gosta. Finalmente chega o sábado. Luís vai de manhã para a igreja. À tarde, depois do almoço, ele experimenta com mais intensidade a luta de duas vozes no coração. Uma delas diz: “vá”; a outra: “não vá”. Luís não sabe o que fazer. Nesse momento, toca o telefone. É a moça da qual falamos.

– Oi, Luís, você não vai fazer isso comigo, vai?

Luís se dirige para o local da festa. No trajeto, há uma voz que lhe fala bem alto ao coração: “Luís, você não pode fazer isso. Hoje é o dia do Senhor. Você tem que estar é no encontro jovem.” Mas Luís continua em frente. A voz não o deixa. Quase o atormenta, é insuportável. Essa voz é a voz do Espírito Santo falando ao coração.

Finalmente Luís chega ao local. Há muita alegria e música para todo mundo, menos para ele. A voz continua ali, falando e falando. Ele se sente mal e não consegue ficar ali muito tempo. Volta para casa correndo. Deita na cama e chora.

A voz continua: “Por que, Luís? Por quê? Você magoou o coração do seu Amigo.” Luís promete nunca mais fazer isso.

O tempo passa. Outro dia os amigos aparecem e o convidam para um piquenique no sábado. Novamente, a luta recomeça em seu coração. Uma voz diz: “Vá, Luís. Você já foi uma vez.” Outra voz: “Luís, por favor, você viu a vez anterior como foi triste.” Esta última é a voz do Espírito Santo, mas Luís tenta apagá-la e não ouvi-la.

No ônibus, enquanto se dirigem ao piquenique, a voz continua falando: “Luís, hoje você deveria estar na igreja, hoje é sábado.” Mas Luís tenta se distrair para não escutar. Lá no piquenique, os rapazes e as moças tocam violão, cantam, brincam e depois começa o som, a dança, a cerveja. Luís não consegue chegar a tanto. Pelo menos, desta vez ele não bebe cerveja.

Mas a vida continua e os piqueniques, as festas e as saídas aos sábados se repetem com maior frequência. A voz do Espírito sempre falando, suplicando, aconselhando e Luís sempre tentando esquecê-la, distrair-se para não ouvi-la. O que ele não percebe é que a voz lentamente, com o correr dos dias, vai se apagando... apagando... apagando... até que um dia não fala mais.

Cada vez que aparecia um novo convite, Luís ia com maior facilidade. A voz cada vez falava mais baixinho. Agora Luís não só vai, como participa de tudo: dança, fuma, bebe. Nada mais o intimida, nada mais dói. Ele não espera um novo convite, procura os convites. Não existem mais princípios.

Não existe mais “amigo Jesus”. Não existe mais igreja. Começa a justificar suas atitudes. Acha que todo mundo está errado. Que a igreja é bitolada, que tudo depende da cabeça de cada um e passa a defender o erro.

Onde está a voz que, naquele primeiro sábado em que os colegas de faculdade o convidaram a uma festinha de aniversário, falou tão alto em seu coração a ponto de levá-lo a abandonar a reunião, voltar para casa e chorar? Onde está a voz do Espírito Santo, que tantas outras vezes falou, suplicou, implorou?

O nosso coração, meu querido amigo, é como a palma da mão. Se você não está acostumado a trabalhos pesados e um dia pega uma enxada, a mão começa a doer. Se você parar, a pele continuará sempre lisa e sensível. Se você continuar apesar da dor, aparecerá uma bolha, a bolha arrebentará e, com o tempo, pouco a pouco irá nascendo uma pele grossa e que conhecemos pelo nome de calo. É uma espécie de couro duro e insensível. Nunca mais sentirá dor.

A dor que sentimos no coração quando começamos a palmilhar caminhos errados é a voz do Espírito Santo. Mas, se não a ouvimos, a dor irá diminuindo

pouco a pouco, até ficarmos com o coração encalecido. Não há mais dor. Não há mais sensibilidade. Isso é o que a Bíblia chama de pecado contra o Espírito Santo.

E por que é que Deus não pode perdoar esse pecado? Será porque O ofendemos tanto que Ele não quer saber mais de nós? Não. Não é assim. O amor de Deus é um amor infinito, misterioso e incompreensível. Apesar de nossos erros, de nossa teimosia, de nossa rebeldia contra a voz de Seu Espírito, Ele continua nos amando. Mas por que então não perdoa o pecado contra o Espírito Santo? Não porque Ele não queira perdoar, mas porque o ser humano que chegou a cometer esse pecado não sente que está errado. Tudo está bem para ele. Nada mais dói. Nada mais o toca. Não sente mais a voz de Deus suplicando em seu coração. Em consequência, ele vive anestesiado em seu pecado. Não precisa de arrependimento. Para quê? Ele não acha que está errado. Não pede mais perdão porque não sente necessidade dele. E Deus não pode forçar o ser humano a aceitar o perdão. O pecado contra o Espírito Santo é imperdoável. Não porque Deus não queira perdoar, mas porque o homem não aceita o perdão.

Talvez você esteja pensando neste momento: “Será que alguma vez ofendi o Espírito Santo de Deus? Será que muitas vezes, quando Sua voz me chamou, continuei fazendo coisas erradas? O que fazer se eu estiver me distanciando da voz de Deus? Se hoje, por não ter ouvido tantas vezes a voz do Espírito, ela não me fala ao coração com a mesma intensidade com que falava antes?”

Quando eu era missionário entre os índios campas, na Amazônia de meu país, vivi uma experiência que me ensinou uma grande lição. Devia passar aquela noite na mata e decidi fazer uma fogueira. O fogo é vida para o índio. Com ele prepara seus alimentos durante o dia, e à noite ele é luz, proteção e calor.

“Pastor”, tinham me dito os índios, “se alguma vez tiver que passar a noite na mata, faça uma fogueira. O fogo aquecerá e afugentará bichos e insetos noturnos.”

Lembrando disso, consegui lenha seca e armei a fogueira do caçador, que serve para cozinhar e fornecer luz e calor. Tinha aprendido isso tudo na classe de Líder JA. Procurei os fósforos na mochila e, para minha surpresa, a caixinha estava completamente úmida. Um a um, os palitos foram se acabando sem conseguir nada mais do que faíscas. Fiquei assustado. Restavam apenas cinco ou seis palitos e, se eu não conseguisse, teria que passar a noite em meio à escuridão de uma selva desconhecida. Tremi só de pensar. Sabia o que isso significava. Tentei lembrar tudo que tinha aprendido na especialidade de fogos e fogueiras. Procurei

um ninho abandonado. Os ninhos de passarinhos geralmente têm material muito fácil de pegar fogo. Consegui pequenos palitos e folhas secas. Pronto! Estava na reta final. Risquei mais dois palitos. A faísca brotou e desapareceu como das outras vezes. Tirei a camisa e a coloquei de um lado para evitar a corrente de ar.

“É agora”, pensei comigo, “tem que ser agora.”

Mais uma faísca. Quase corri atrás dela, soprando levemente para ver se ela recobrava a vida. Nada.

“É agora ou nunca!” Estremeci e orei a Deus.

A faísca brotou ao riscar mais um palito e correu bem em meio do material inflamável do ninho. Soprei. A faisquinha se tornou maior. Coloquei uma palhinha. Continuei assoprando. Uma folhinha seca. Mais um graveto. Apareceu o fogo. Pequenino no início. Continuei assoprando. Mais uma folha seca. Mais um graveto. Um graveto maior. Outra folha. E em pouco tempo o fogo queimava na sua plenitude. Eu estava salvo. Graças a Deus, não passaria a noite na escuridão e no frio. Tinha luz. Tinha calor. Tinha fogo. Estava salvo.

Você entendeu? Às vezes, por essas coisas que a vida tem, vamos nos distanciando de Deus, vamos indo lentamente para uma terra distante. Longe do Pai, longe da igreja, longe dos irmãos, longe até de nós mesmos. Lá na terra da angústia, do desespero, da solidão, ficamos sozinhos, perdidos e tristes. E clamamos em nosso coração: “Há esperança para mim?” O Senhor Jesus responde: “Há sim, querido filho. Eu nunca deixei de amar você. Meu Espírito sempre esteve com você. Vem, agora, aos Meus braços de amor.”

Neste momento, é possível que a voz de Deus esteja ardendo em seu coração como uma grande fogueira. Se é assim, agradeça ao Pai e continue sendo iluminado e dirigido pelo Espírito. É também possível que a voz de Deus tenha se tornado apenas um fogo pequeno em sua vida. Por favor, não deixe que ele se apague. Mas o que acontecerá se a voz do Espírito em sua vida não estiver passando de uma pequena faísca? Por favor, agarre-se a ela desesperadamente. Não permita que ela desapareça. Obedeça-lhe, deixe-se guiar por ela, ouça-a. No início, ela será nada mais do que faísca, mas se tornará logo um fogo, e, se continuar ouvindo-a e obedecendo-lhe, tornar-se-á numa grande fogueira de vida.

O fogo do Espírito é nossa garantia de vitória. Ele terminará em nossa vida a obra redentora de Cristo. Ser cheios do Espírito é deixarmos guiar pela Sua voz, seguir Seu conselho, obedecer às Suas orientações. Estamos dispostos a fazê-lo?

Conhecer Jesus é tudo

A pergunta do jovem rico – “O que farei para ter a vida eterna?” – é a pergunta que palpita no coração da humanidade. O homem foi criado para viver. O que ele mais quer é viver. Pode a vida ser a mais miserável das vidas, mas, quando chega a hora da morte, o homem se agarra com desespero à vida. A morte é um intruso na experiência humana e, por isso, não é aceita. O maior desejo do homem é viver. Para ter vida, ele é capaz de fazer qualquer coisa, pagar qualquer preço, realizar qualquer sacrifício. “O que farei para ter a vida eterna?” é o grito desesperado do coração humano. E a resposta de Cristo é simples: “E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3).

Você vê? O segredo da vida eterna não consiste apenas no conhecimento de um corpo de doutrinas ou na aceitação de uma determinada igreja. O segredo é o conhecimento de uma pessoa: a pessoa maravilhosa de Jesus Cristo. O verdadeiro cristianismo é um relacionamento de duas pessoas: o ser humano e Cristo. O que mais importa em nossa experiência espiritual não é o QUE cremos, mas em QUEM cremos.

A razão para acreditar que o verdadeiro cristianismo é o relacionamento pessoal entre Cristo e o homem é que a justiça e o pecado só podem existir entre pessoas. Uma estrela, um gato, uma mesa ou uma pedra não podem pecar ou ser justos. Só as pessoas pecam. Por isso, o pecado, mais do que a violação da lei, é a interrupção do relacionamento de amor entre Cristo e o ser humano. Essa é a

verdadeira desgraça do pecado. Quando peço, estou ferindo meu Jesus, ferindo a mim mesmo e trazendo separação entre ambos.

A maldade do pecado do Éden é melhor revelada no fato de Adão se esconder de Deus do que simplesmente no comer do fruto proibido. Isso é o pior do pecado. O ser humano outrora corria e se jogava nos braços do Pai amante; depois de pecar, escondeu-se de medo e causou profundo sofrimento ao coração de Deus. Estava o Pai triste porque alguém quebrou a Lei? Ou estava sofrendo por causa da separação?

Isso nos leva à conclusão de que a salvação, a vida eterna, nada mais é do que uma reconciliação ou um novo relacionamento pessoal com o Senhor da salvação. Somos salvos quando cremos em Jesus, quando amamos a pessoa de Jesus, não apenas Seu nome, nem Suas doutrinas, nem apenas Sua igreja.

Não podemos, porém, amar uma pessoa sem conhecê-la; por isso, o inimigo fará todo o possível para nos distanciar mais e mais de Deus, ou então para nos aproximar de uma ideia errada do Pai. O inimigo não quer que conheçamos Jesus ou, na pior das hipóteses, quer que O conheçamos com a imagem de um Deus tirano, ditador, preocupado mais com Suas normas do que com Seus filhos. Essa imagem de Deus não inspira amor, inspira medo; não inspira desejo de servi-Lo, gera a obrigação de servi-Lo. A consequência é uma religião triste, um cristianismo formal. É o medo do castigo que nos leva a obedecer. O inimigo fica feliz com isso. Conseguiu o que queria. Se não conseguiu levar-nos para longe do Pai, ao menos nos trouxe para perto dEle pelos motivos errados.

Conhecer Jesus é tudo. Sabe por quê? Porque ao conhecê-Lo como na realidade Ele é, ao conhecer o que Ele fez por nós na cruz do Calvário, ao saber quanto Ele nos amou e nos ama, apesar de nossas atitudes ou de nossa rebeldia, não teremos outro caminho senão nos apaixonar por Ele, amá-Lo com todas as forças de nosso ser. E, porque O amamos, desejaremos ser como Ele é, viver como Ele quer, ver sempre um sorriso de felicidade em Seu rosto. Consequentemente, deixaremos de fazer tudo aquilo que O deixa triste e faremos tudo aquilo que O deixa feliz.

Conhecer Jesus é tudo porque a salvação não provém do esforço humano; ela é um presente de Deus, e esse presente é a pessoa de Jesus Cristo. A salvação não vem de Jesus Cristo. A salvação é Jesus Cristo. Aceitar a salvação é aceitar a Jesus Cristo. Conhecer Jesus é ter a salvação e, portanto, ter a vida eterna.

Quando João fala de “conhecer Jesus”, não está se referindo apenas a um conhecimento teórico. João vivia numa época em que predominava o

pensamento helenístico. Os gregos endeusavam o conhecimento teórico. Para um grego dizer que conhecia uma flor, ele ia à biblioteca, estudava tudo o que as enciclopédias e livros falavam sobre a flor, e então dizia: “Conheço a flor.” João não. Para ele dizer que conhecia a flor, além de ler o que os livros diziam, era ir ao campo, tocar a flor, sentir nas mãos a beleza da flor, cheirar a flor, acariciá-la e só então dizer: “Conheço a flor.”

Conhecer, para os gregos que viviam no tempo de João, era acumular conhecimento teórico. Conhecer, para o discípulo amado, era uma experiência de vida. O conhecimento teórico pode ajudar enquanto as coisas andam bem. O conhecimento experimental é, por sua vez, a única solução para os momentos de crise.

A maioria dos discípulos se limitava a ouvir as palavras de Jesus. João ia além: ficava perto do Mestre e reclinava a cabeça no coração de Jesus. A diferença se revelou na crise. Quando os judeus prenderam Jesus e O levaram ao Calvário, todo mundo O abandonou. O único que ficou perto foi aquele que não se contentou em ouvir Jesus, nem apenas saber acerca dEle, mas que procurou um conhecimento experimental (João 19:26, 27).

“E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” Simples como uma flor, como uma criança, como um sorriso, como todas as coisas de Deus. São os seres humanos que às vezes complicam as coisas. Nós as tornamos difíceis e lhes roubamos a beleza natural.

Este livrinho, meu querido jovem, pretendeu de maneira simples apresentar para você todo o processo da conversão e da vida cristã. Justificação, justiça imputada, comunicada, santificação e glorificação.

“Mas eu não achei essas palavras ao longo da leitura”, você poderá estar se perguntando. E tem razão. Não mencionei sequer uma vez essas palavras. Você já as ouviu tantas vezes em sua vida, e isso não ajudou muita coisa. Eu quis mostrar esses assuntos de maneira diferente.

No primeiro capítulo, por exemplo, mencionei a história do jovem rico. Triste exemplo do homem que procura a justiça pelos seus próprios esforços. O resultado é uma vida vazia e sem sentido. A minha experiência própria, quando jovem, era muito semelhante à do jovem rico. No capítulo três, tentamos explicar de maneira mais simples o profundo tema do perdão, da expiação e da justificação. O que Cristo fez por nós na cruz não foi apenas liberação da culpa, mas uma substituição. Alguém pagou pelos nossos pecados. Ele foi tratado como

nós merecíamos, para que pudéssemos ser tratados como Ele merece. Ele ocupou nosso lugar. Agora podemos ocupar o Seu. Ele nos oferece Seus méritos, Suas obras, Sua justiça, toma sobre Si os nossos pecados e paga o preço por eles na cruz. Ao vê-Lo pendurado na cruz, sentimo-nos atraídos por Ele. Somos reconciliados por Ele, somos justificados e recebemos uma nova natureza. Isso chamamos de justiça imputada.

Mas por que é que depois de justificados e reconciliados continuamos tendo vontade de errar? Aí vem o assunto das duas naturezas. Temos que alimentar a natureza de Cristo através da oração, do estudo da Bíblia e do testemunho pessoal, e temos que matar de fome a natureza má. Em outras palavras, temos que andar com Deus, como Enoque, Noé, Abraão e Davi, num relacionamento de amor. Isso é santificação. A luta, porém, continuará até a volta de Cristo. Só então acontecerá mais um milagre: Deus arrancará a natureza pecaminosa para sempre e a jogará fora. Isso é chamado de glorificação. A luta findará.

Mas, enquanto Cristo não voltar, a caminhada continuará, e nessa experiência o Senhor Jesus nos assiste cada dia com a presença de Seu Santo Espírito, oferecendo-nos Sua justiça permanente. Isso é justiça comunicada.

Como vê, neste livro não estive preocupado tanto com terminologias como com o fato de ser compreendido por você. Mais do que conceitos teóricos, tentei mostrar assuntos práticos. Mais do que tratar do QUE, preocupei-me em mostrar o COMO. Nada disso, porém, tem valor sem o maravilhoso QUEM. Ele é o personagem central deste livro e Ele terá que ser o personagem central de nossa vida se quisermos viver uma experiência cristã bem-sucedida e feliz.

Nunca poderei esquecer a emoção que me produziu a leitura de um incidente ocorrido nos Estados Unidos: 36 crianças estavam presas numa sala de aula no primeiro andar de uma escola em chamas, no coração de Chicago. Todas as que puderam sair saíram. As escadas estavam tomadas pelas chamas e a fumaça. As saídas de emergência, emperradas. Não havia outra saída. Trinta e seis rostinhos de crianças assustadas estavam colados nos vidros das janelas. Os bombeiros ainda não haviam chegado. Não havia policiais por perto. O resgate parecia impossível.

Mark Spencer vivia dois quarteirões abaixo. Quando viu o fogo, ele correu para a escola. Sua missão, naquela manhã, não era rotineira como a de um policial ou um bombeiro. Ele foi impulsionado por outro sentimento. Ao chegar ao lugar, ele gritou para os garotos quebrarem o vidro. Os pedaços de vidro caíram pelo chão.

Mark era um homem alto, musculoso e forte. Todo mundo podia ver o brilho de confiança em seus olhos, a segurança de seus braços e o amor em sua voz quando gritou aos garotos: “Pulem para cá, que eu os segurarei.” Um a um, os garotinhos começaram a pular. Os poderosos braços de Mark os seguravam e os depositavam no chão. Finalmente, todos estavam salvos. Quero dizer, todos menos um. O pequeno Mike olhava para baixo e dava um passo para trás com medo. Mark gritou, suplicou, pediu, ordenou: “Pule, nada vai acontecer, eu vou segurar você.”

A professora de Mike gritou: “Pule, Mike, pule!” Seus coleguinhas (35 deles): “Pule, Mike, pule! Nós conseguimos, você também conseguirá.”

O garoto ficou ali gelado de medo. No dia seguinte encontraram seu corpinho carbonizado. O corpo de Mike, filho de Mark Spencer.

O que foi que aconteceu? O que saiu errado? Não sabemos. Nunca ninguém saberá, muito menos Mark Spencer. Ele era um pai amoroso. Tinha dado para o filho tudo o que o garoto precisava, tinha brincado com ele, tinha lhe dado carinho, dividido com ele parte de seu próprio coração. No momento em que a vida de Mike estava num pêndulo, entre a esperança e o desastre, entre o triunfo e a tragédia, entre a vida e a morte, Mark estava ali com os braços abertos, pedindo, suplicando, implorando, chorando para que o filho pulasse não ao frio, cruel e assassino concreto, mas para seus seguros, confortáveis e carinhosos braços de pai amante. Mas alguma coisa não deu certo, e Mike morreu.

Seremos diferentes? Correremos com alegria aos braços amantes do Pai maravilhoso e andaremos com Ele num relacionamento de amor mútuo, ou ficaremos gelados como o pequeno Mike, com medo, porque as chamadas do formalismo nos levam a ver a imagem distorcida de um Deus tirano, cruel e justiceiro?

Há muita gente amável neste mundo,
que quer colaborar de alguma forma.
Anela dar a vida pelos outros,
amar a quem precisa de atenção.

Mas como poderemos amar os homens,
se ainda não sabemos amar Jesus?
E como amaremos a quem nos ama,

se não O conhecemos lá na cruz?

Conhecer Jesus

é tudo que preciso conhecer.

Entender o amor

é tudo que preciso compreender,
para ter poder no viver.

(Hino “Conhecer Jesus”, letra e música de Williams Costa Júnior)

CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS
COMPRAS COM
COMODIDADE

APROVEITE
PROMOÇÕES
EXCLUSIVAS

LIVROS, REVISTAS,
AUDIOLIVROS,
CDS E DVDS

CONECTE-SE
ATRAVÉS DAS NOSSAS
REDES SOCIAIS COM
MILHARES
DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA



www.cpb.com.br
